



DANYELLE MARQUES FREIRE DA SILVA

**IDENTIDADE, DISCURSO E HETERODISCURSO NAS
MANIFESTAÇÕES DO CONGADO E DA FOLIA DE
REIS NA CIDADE DE CANA VERDE/MG**

**LAVRAS - MG
2024**

DANYELLE MARQUES FREIRE DA SILVA

**IDENTIDADE, DISCURSO E HETERODISCURSO NAS MANIFESTAÇÕES
DO CONGADO E DA FOLIA DE REIS NA CIDADE DE CANA VERDE/MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder
Orientador

LAVRAS - MG
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Silva, Danyelle Marques Freire da.

Identidade, discurso e heterodiscurso nas manifestações do
Congado e da Folia de Reis na cidade de Cana Verde/MG /
Danyelle Marques Freire da Silva. - 2024.

66 p.: il.

Orientador(a): Marco Antonio Villarta- Neder.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2024.

Bibliografia.

1. Identidade. 2. Cultura. 3. Heterodiscurso. I. Neder, Marco
Antonio Villarta-. II. Título.


DANYELLE MARQUES FREIRE DA SILVA

**IDENTIDADE, DISCURSO E HETERODISCURSO NAS MANIFESTAÇÕES
DO CONGADO E DA FOLIA DE REIS NA CIDADE DE CANA VERDE/MG**

**IDENTITY, DISCOURSE AND POLYGLOSSIA IN THE CONGADO AND FOLIA
DE REIS DEMONSTRATIONS IN TRHE CITY OF GREEN CANA/MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 28 de junho de 2024.
Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior- UNB
Dr. Ítalo Oscar Riccardi León - UNIFAL
Dr. Rodrigo Garcia Barbosa – UFLA

Documento assinado digitalmente
 **MARCO ANTONIO VILLARTA NEDER**
Data: 13/09/2024 16:02:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder
Orientador

**LAVRAS - MG
2024**

*À minha avó, Anésia, pelas orações,
apoio e amor incondicional em todas as
etapas e por ter sido o meu maior
exemplo de vida. Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu amigo Jesus Cristo, a Nossa Senhora Aparecida e ao Divino Pai Eterno por terem estado sempre comigo, abrindo caminhos onde não existiam e sustentando-me com saúde e perseverança em todo tempo e o tempo todo;

A Petrina Marques Freire da Silva e a Antônio Freire da Silva, meus pais, que não medem esforços para me ajudar a realizar todos os desejos do meu coração;

A Douglas Marques Freire da Silva, meu irmão, por ter proporcionado um dos ensinamentos de maior valia: a possibilidade do afeto na diferença;

A minha avó, Anésia Cândida Marques, pelas orações, pelas novenas, por todo o amor que, de tão grande, parece não caber nesta vida e por sempre me fazer acreditar que Deus é um bom Pai;

Ao Villarta, meu orientador, pela paciência, pelo esforço, pela ajuda, pela confiança e por acreditar na possibilidade da concretização deste trabalho – nada que eu escreva traduz o meu sentimento de gratidão;

Aos professores Augusto Rodrigues da Silva Junior, Ítalo Oscar Riccardi León e Rodrigo Garcia Barbosa, bem como aos demais professores, pela disponibilidade para participar da banca – é uma honra poder contar com o crivo de vocês;

Ao programa de Pós-Graduação em Educação pela oportunidade.

Às amigas/irmãs Cristiane Marques e Marines Almeida, sempre presentes em minha vida;

A Leandro Souza Lemos, por todo amor, cumplicidade e carinho durante todos estes anos de amizade. Amo você!

A Augusto Rodrigues da Silva Junior, estimado amigo, que mesmo não conhecendo pessoalmente tem uma contribuição enorme na minha carreira intelectual.

Ao Leone Camardella por ter cruzado o meu caminho e ser “um presente que eu não posso perder”.

A todos os detentores da Folia de Reis e do Reinado da cidade de Cana Verde. Os de ontem, os de hoje e os de amanhã. Eterna gratidão por não deixar morrer uma cultura tão importante e rica.

A todos que não nomeei, meu imenso obrigada!

*“E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração”.*

Gonzaguinha

RESUMO

A definição de "heterodiscurso" (*raznorétchie*), criada por Mikhail Bakhtin, estabelece-se como um importante e ainda pouco utilizado instrumento metodológica para os estudiosos, em particular para as pesquisas de cunho histórico, cultural e literária. Compreendendo-o, inicialmente, como o "discurso de outro na linguagem do outro" (BAKHTIN, 2015, p. 11), este estudo procurou elaborar um entendimento de forma mais aprofundada. Para tanto, foi feito um diálogo desse termo com outros conceitos tais como: identidade, cultura e memória. Tomamos como objeto de análise as manifestações do Congado e da Folia de Reis, expressões culturais e religiosa que envolvem o canto, dança, teatro, espiritualidades cristã e de matriz africana na cidade de Cana Verde, Minas Gerais, onde foi analisado os aspectos que fizeram essas manifestações perdurarem até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; cultura; heterodiscurso; Congado; Folia de Reis.

ABSTRACT

The definition of "polyglossia" (raznorétchie), elaborated by Mikhail Bakhtin, has consolidated itself as an important methodological tool and still little used by scholars, mainly for historical, cultural and literary research. Understanding-or, initially, as the "discourse of the other in the language of the other" (BAKHTIN, 2015, p. 11), this study aims to deepen this understanding. For this, it is intended to make a dialogue between this term and other concepts such as: identity, culture, cultural heritage and affection. We took as an object of analysis the cultural manifestation of congado, cultural and religious expression that involves singing, dancing, theater and Christian and African spiritualities in the city of Cana Verde, Minas Gerais, where the creative process of songs and aspects So that we can guarantee that this manifestation lasts until today.

KEYWORDS: identity; culture; polyglossia; Congado; Revelry of kings.

INDICADORES DE IMPACTO

O público beneficiado diretamente por este trabalho são os professores que desejam alargar seus conhecimentos referente as manifestações de Congado e Folia de Reis. Também são beneficiados os detentores dessas manifestações pelo facto desse bem imaterial ter alcançado à universidade e ter sido tema de pesquisa científica. Dentro das áreas temáticas da Política Nacional de Extensão os impactos do trabalho se inserem na: comunicação, cultura e educação. O território e os grupos populacionais impactados com este trabalho, inicialmente, é a comunidade de Cana Verde/MG, por serem o objeto de estudo, mas não temos como definir todo o público que o produto/documentário irá atingir. Os impactos da pesquisa estão alinhados com os dezessete objetivos de Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU).

IMPACT INDICATORS

The public directly benefiting from this work are teachers who wish to expand their knowledge regarding the Congado and Folia de Reis demonstrations. The holders of these manifestations also benefit due to the lack of this intangible asset having reached the university and become a subject of scientific research. Within the thematic areas of the National Extension Policy, the impacts of the work focus on: communication, culture and education. The territory and population groups impacted by this work, initially, are the community of Cana Verde/MG, as they are the object of the study, but we are unable to define the entire audience that the product/documentary will reach. The impacts of the research are aligned with the seventeen Development Objectives of the United Nations (UNU).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. POR UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA.	14
2.1 Educação Patrimonial	16
3. BASES CONCEITUAIS.....	19
3.1 Identidade: conceito em trânsito.....	19
3.2 Notas sobre cultura e memória	28
3.3 Uma visão a partir da alteridade: o referencial bakhtiniano.....	33
4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS: TRADIÇÃO E INSPIRAÇÃO.....	35
4.1 Cana Verde entre paisagens, história e narrativas	35
4.2 Festa do Congado.....	36
4.3 Folia de Reis.....	45
5. O HETERODISCURSO COMO ELO HISTÓRICO, IDENTITÁRIO E CULTURAL DAS REPRESENTAÇÕES DO CONGADO E DA FOLIA DE REIS	48
6. PRODUTO EDUCACIONAL VINCULADO À DISSERTAÇÃO	53
6.1 Apresentação.....	53
6.2 Diretrizes para concepção do produto educacional.....	54
6.3 Entre realidade e ficção no documentário	55
6.4 Caminhos trilhados: a busca pelas imagens	57
6.5 Produção.....	57
6.6 Ficha Técnica.....	58
7. PROPOSTA PEDAGÓGICA: ROTEIRO DE ATIVIDADE.....	59
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2013)¹, o Patrimônio Cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo e pode ser encontrado em diversas localidades e situações: nas ruas, em nossos lares, em manifestações artísticas, locais de memórias, templos sagrados, parques e jardins. Nas atividades do dia a dia, concepções e no trabalho. Está presente no cotidiano das pessoas, molda identidades e produz os valores de uma sociedade. É ele que faz as pessoas serem o que são.

Para que este conjunto de manifestações e representações, em sua forma tangível ou intangível, se mantenha preservado e seja transmitido de geração para geração é necessário aprofundar os conhecimentos e ter consciência de sua importância e relevâncias. A partir do princípio de que só preservamos o que conhecemos, é necessário que ações sejam realizadas e garantidas visando a divulgação e difusão do Patrimônio Cultural. A estas ações denominamos *Educação Patrimonial*. Desse modo, é importante que nas escolas os alunos tenham contato com material didático que versem sobre a cultura a qual estão inseridos, que desenvolvam trabalhos que tenham como proposta a valorização das manifestações artísticas locais, valorizam as suas histórias e a preservação do Patrimônio Cultural.

Sendo assim, a pergunta que norteia esta pesquisa é a seguinte: como contribuir com a formação docente de professores desenvolvendo um trabalho multidisciplinar relacionado ao conhecimento e valorização da história e da identidade local dos estudantes por meio das manifestações culturais?

Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa foi refletir sobre a diversidade e a relevância simbólica das manifestações culturais do Congado e da Folia de Reis na cidade de Cana Verde, Minas Gerais, sob a ótica do heterodiscurso de Bakhtin (2015 [1975]). A proposta foi investigar como essas manifestações acontecem, suas características comuns e seus diferenciais com a finalidade de verificar como as vozes discursivas estão interligadas a questões da cultura e da identidade, atentando para as figuras dos Reis Magos (Folia de Reis) e os Reis do Congo (Congado), cujo as suas representações recontam crenças cristãs, fatos históricos e configuram a diversidade do povo brasileiro.

¹ Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao_m.pdf

Como objetivos específicos procuramos analisar sobre a importância de, na formação dos professores, existirem bases conceituais e científicas que versam sobre a relevância das manifestações culturais, em especial o Congado e a Folia de Reis, como instrumentos de preservação da identidade, assim, também foi objetivo do estudo produzir um produto no formato documentário para servir de apoio para os profissionais da educação que desejam ter mais conhecimento sobre as manifestações do Congado e da Folia de Reis e da sua importância como propulsores e conservadores da cultura local.

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, expandiu o entendimento de Patrimônio Cultural ao distinguir a existência de bens culturais de natureza Material e Imaterial. Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em colaboração com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos distintos grupos compostos da sociedade brasileira.

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração a geração, sucessivamente reelaborado pelas comunidades e grupos de acordo com a localidade, o contato com a natureza e a sua história, suscitando um sentimento de identidade e conservação, colaborando para o fomento do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Os festejos do Congado e da Folia de Reis, por sua vez, estão garantidos na legislação brasileira em uma categoria de Registro do Patrimônio Imaterial – as celebrações.

O Congado e a Folia de Reis caracterizam-se como manifestações religiosas afro-brasileiras que tiveram início no século XVII. O Congado tem como origem os ritos de coroação dos reis negros e africanos, e foi ressignificada no Brasil. A celebração, desde o princípio, esteve vinculada aos festejos das irmandades religiosas, principalmente negras, como as de Nossa Senhora do Rosário. A Folia de Reis, por seu turno, relata a visita dos três reis magos ao recém-nascido Jesus Cristo. Essas manifestações culturais estão tradicionalmente enraizadas na cultura mineira e possuem uma diversidade de matrizes, denominação de grupos, formas de expressão e ritos o que possibilitou o reconhecimento da Folia de Reis como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais.²

As memórias dessas manifestações são “transmitidas de boca em boca” através das gerações e, conseqüentemente, há interferências culturais internas e externas às narrativas

² O Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep) declarou a Folia de Reis como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais no dia 06 de janeiro de 2017.

produzidas ritualmente e com isso e através disso promovem uma memória coletiva local. “Surge assim, o sincretismo religioso, como forma de manter os cultos de suas divindades agora apresentadas por nomes de santos portugueses, camuflando a permanência dos rituais religiosos de origem” (GÓIS, 2008, p.50). Por esse fato optou-se pela metodologia bibliográfica que coloca as canções do Reinado e da Folia de Reis de Cana Verde, Minas Gerais, a partir do campo teórico bakhtiniano, especialmente por meio do conceito de heterodiscurso.

O presente trabalho se aproxima dos estudos etnográficos, que pressupõem que o investigador atue de maneira a examinar padrões de comportamento e modos de vida de um determinado grupo.

Acreditamos que o contato dos negros escravizados com os portugueses colonizadores influenciou para que, nas construções das narrativas orais e escritas, nas canções e nas apresentações folclóricas dos afrodescendentes pudesse ser percebido o “discurso de outro na linguagem do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 113) o que também influenciou nas marcas identitárias dessas pessoas e fez surgir um dialogismo capaz de recontar a história através das representações e rememoração produzida no decorrer da própria história até os dias atuais.

Chamamos de construção híbrida um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas “linguagens”, dois universos semânticos e axiológicos. Entre esses enunciados, estilos, linguagens e horizontes, repetimos, não há nenhum limite formal (BAKHTIN, 2015, p. 84).

E o que mais chama a atenção no Congado e na Folia de Reis é justamente esse hibridismo da cultura das práticas religiosas que, categoricamente, se distingue do catolicismo oficial e ortodoxo. O culto, à memória dos santos Reis, constitui-se de regionalidades e peculiaridades daquela comunidade, a qual reinventa o ritual, historiado nesta pesquisa.

Para alcançar nossos objetivos, ora apresentados, trabalhamos com a perspectiva da tradição oral e da memória, baseando-se na metodologia da História oral (AMADO; FERREIRA, 2000). Utilizamos o conceito de enunciado de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov para explicar sobre o conceito de enunciado. A abordagem sobre identidade foi baseada em Hall (2014), Ana Carolina Escosteguy (2001), Homi K. Bhabha (1998), Walter Mignolo (2015). Quanto ao conceito de cultura e de cultura popular, estes foram alicerçados no pensamento de Carlos Rodrigues Brandão (1982; 1986; 1992; 2004). Nos estudos da história de Cana Verde,

buscamos informações com o professor e historiador, Vicente Freire de Andrade, que estão disponibilizadas em livros, anotações e em sites e páginas da cidade.

Como fonte de pesquisa básica foi utilizada a iconografia, as fontes orais e as bibliográficas, bem como a observação participante. Todas essas formas de investigação contribuíram para a construção do trabalho. Com isso, pretendemos alcançar o objetivo central deste trabalho, qual seja o de contribuir com a formação docente de professores desenvolvendo um trabalho multidisciplinar relacionado ao conhecimento e valorização da história e da identidade local dos estudantes por meio das manifestações culturais.

Há de se pontuar que, como fazemos parte de um Mestrado Profissional temos como proposta realizar um Produto Educacional em um formato que comunique aspectos da pesquisa de forma a ter uma circulação na sociedade maior que o próprio texto da dissertação. Nesse sentido, procuramos um canal que tivesse uma linguagem capaz de afetar e atuar como base de resistência e revigorar as concepções de uma Educação Patrimonial, Social e Crítica. Entre as opções mais comuns existiam: escrever uma cartilha, livro acadêmico-científico, página na internet etc. Contudo, optamos pela elaboração de um Documentário em vídeo, por acreditar que com a união de imagens, sons e trama pode-se provocar no espectador a empatia: o ato dele se sentir no enredo, vivenciando a ação da cena ou a observando com uma série de expectativas.

O produto associado, o Documentário, tem como título “O encontro dos Reis Magos com os Reis do Congo na cidade de Cana Verde-MG” e foi desenvolvido entre os anos de 2021 e 2024. Por meio da Lei Paulo Gustavo pudemos editar as imagens que deram forma ao documentário proposto nesta pesquisa e assim, efetivá-lo.

2. POR UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA

Um dos maiores desafios que o Ministério da Educação (MEC) tem na atualidade é o de universalizar uma educação de qualidade, como política de Estado de ação permanente. Isso não significa construir mais escolas e sim de oportunizar espaços de ensino- aprendizagem em que tanto os professores quanto os alunos sintam-se respeitados totalmente como seres humanos e que isto seja o alicerce de sua formação intelectual e cidadã.

As sucessivas transformações ocorridas na sociedade, o avanço da tecnologia, da ciência, o acesso à informação, a política, a economia, têm se associado de maneira direta ao ambiente escolar e influenciam as concepções da escola, do educador e do educando. E é através dessas transformações, que a educação se faz necessária e fundamental em seus

desempenhos, no ensino, na figura do professor, nas práticas pedagógicas, no currículo e na aprendizagem. Desse modo, a escola tem que se democratizar e se abrir à sociedade, e o professor admitir o seu papel no compromisso social perante a essas muitas transformações e exigências.

O professor precisa repensar a sua prática mediando e permitindo a participação do aluno na construção do conhecimento, com o propósito de formar cidadãos questionadores, que se portem como agentes sociais, participativos e transformadores no processo de construção do ensino e da aprendizagem.

Luckesi (1990, p. 115) pontua que “educador é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e aprendizagem. Ele assume o papel de mediador entre a cultura elaborada, acumulada e em processo de acumulação da humanidade”. Desse modo, tanto a escola em suas práticas de educação, como o professor em sua prática pedagógica e o aluno em sua aprendizagem são instrumentos responsáveis pelo processo de construção do conhecimento.

É função do professor fomentar, estimular, incentivar e conduzir os debates e as trocas de conhecimentos, para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra. Por esse motivo, é preciso entender e refletir sobre a sua prática pedagógica, pois “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1992, p. 25).

Muitas mudanças aconteceram no campo educacional nos últimos anos e essas mudanças estão fortemente vinculadas ao contexto político, econômico e cultural da sociedade. Como bem pontua Álvaro Viera Pinto (1987, p. 29), “a educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses”, percebemos com isso, que a educação sempre será um desafio, seja nos ambientes escolares ou além dos muros da escola.

Assinala-se que a prática da educação não se restringe ao espaço físico da sala de aula, dos muros escolares, e nem somente na figura do professor, podendo estar em todos os lugares, de diferentes formas, por meio das trocas de conhecimentos, experiências compartilhadas ou aprendizados adquiridos. Assim, a educação não se encontra só dentro da escola, ela acontece em diferentes lugares, de diferentes formas, ou seja, na família, na comunidade, na praça, na academia, e sua aprendizagem se dá no processo de socialização, com a interação que ocorre na busca do conhecimento.

Para a efetivação do processo educacional torna-se necessário que a escola, o professor, os alunos e a comunidade, compreendam suas responsabilidades para com a educação. É necessário que todos saibam e estejam aptos a compartilhar conhecimentos, abrangendo os diferentes espaços e sujeitos, para que tudo tenha sentido, estabelecendo assim, o verdadeiro sentido da educação.

Fala-se muito sobre a escola para além de seus muros. É preciso entender que esses muros são físicos, mas também metafóricos. É importante derrubar os muros físicos e fazer com que a escola se abra para a comunidade. Os muros, muitas vezes, são erguidos para proteger o ambiente escolar, mas há ocasiões em que essa segurança acontece de verdade quando a escola rompe essas barreiras de concreto tornando-se parceira da comunidade a qual está inserida. Diante disso, podemos entender que a prática do professor se relaciona a diferentes contextos de formação o que pode interferir diretamente na sua prática em sala de aula.

Assim, ressaltamos a importância deste em conhecer o seu ambiente de trabalho e seus alunos, para que o desafio do processo de ensinar e aprender sejam compartilhados em sua prática e sejam pautados na formação e na aprendizagem, proporcionando espaço de trocas educativas entre o professor e seus alunos.

2.1 Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial é entendida como uma metodologia contínua e organizada de trabalho educacional que tem o Patrimônio Cultural como centro e pilar para o conhecimento e desenvolvimento individual e coletivo. Com início nas práticas e no diálogo com as evidências e manifestações da cultura, em todos as suas particularidades, aspectos e sentidos, o trabalho da Educação Patrimonial procura levar os indivíduos a um exercício ativo de informação, aquisição e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor aproveitamento destes benefícios, e oportunizando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

É definida por sua importância enquanto relevante ferramenta na formação da cidadania, por ser uma prática pedagógica onde o educando cumpre papel ativo no desenvolvimento da aquisição do conhecimento e da aprendizagem. Esta educação deve

estar comprometida com a transformação social e para isso necessita de criar cidadãos de verdade, aptos a desenvolverem leituras, fazer interpretações, questionamentos, ter argumentos bem embasados e ser agentes transformadores no local onde vivem, para além do seu patrimônio cultural.

De acordo com Horta (1999), Educação Patrimonial pode ser entendida como:

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (Horta et all, 1999, p. 6).

No entendimento da autora a Educação Patrimonial é um processo constante e metódico que tem como centro o Patrimônio Cultural que é um instrumento de afirmação da cidadania e da identidade. O objetivo da Educação Patrimonial, segundo ela, é envolver toda a sociedade na gestão do patrimônio. A comunidade também tem sua responsabilidade pelo cuidado e preservação dos bens patrimoniais. A educação se faz indispensável enquanto instrumento de alfabetização cultural, que capacita o indivíduo à leitura e entendimento do local ao qual está inserido.

Conforme Horta e Custódio:

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, CUSTODIO, p. 4).

Nesse sentido, a Educação Patrimonial constitui a valorização das particularidades que constituem a sociedade e a vida das comunidades. As características que integram a história, a ascendência e o passado dessas localidades, são a “marca registrada” da identidade. A Educação Patrimonial busca identificar os valores, costumes, hábitos, aspectos da vida, lendas, cultura material e particularidades do ambiente, a fim de revigorá-los para que toda a comunidade possa ter conhecimento dessas informações.

O aprendizado e a apropriação pelos indivíduos da preservação do Patrimônio Cultural são fatores indispensáveis ao processo de preservação. Este processo de valorização e de troca permite o surgimento e criação de novos conhecimentos, num exercício contínuo de desenvolvimento individual, comunitário e social.

Ainda de acordo com Horta e Custódio:

Todas as ações através das quais os povos expressam suas formas específicas de ser constituem a sua Cultura e esta vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes. A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam.

Neste processo ativo de civilização em que as pessoas aprendem a fazer parte de um grupo social, o indivíduo edifica a própria identidade. Ter o entendimento de que todos os povos geram cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a diversidade cultural. Este conceito nos permite ter um entendimento maior do processo histórico, reconhecendo que não existem culturas mais importantes do que outras.

O Brasil é uma nação multicultural que deve esta propriedade à diversidade de povos que o conceberam e à expansão do seu território. Estas diversidades culturais regionais, contribuem para a formação da identidade do cidadão brasileiro, incorporando-se ao processo de formação do indivíduo, e permitindo-lhe reconhecer o passado, compreender o presente e agir sobre ele.

No entendimento de Monteiro, Horta e Gruberg:

O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas Instituições e Agentes Governamentais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que podem assumir a cultura viva e presente de uma comunidade (Monteiro, Horta e Gruberg, p.5).

À vista disso, o papel da Educação Patrimonial é evidenciar identidades, transformações, indagações entre as diferentes esferas sociais. Ela permite a conexão das

várias camadas na elaboração de um patrimônio nacional, que favorece a diversidade reconhecendo a importância do patrimônio gerado por todos os grupos sociais, estabelecendo maior capacidade à sociedade civil.

Para conhecer e valorizar é necessário preservar o patrimônio, e para preservar é preciso identificar. Esse “identificar” pode ser possibilitado por meio da Educação Patrimonial, instruindo a comunidade sobre a importância e a necessidade da preservação do patrimônio. Logo, proporcionar à comunidade local, bem como aos demais indivíduos, informações que permitam o entendimento do seu Patrimônio Cultural, pode consentir a valorização, a atenção e o conhecimento sobre seu papel na concepção do meio ao qual está inserido, sobre a importância desse patrimônio na preservação de sua memória e a valorização de sua identidade.

3. BASES CONCEITUAIS

3.1 Identidade: conceito em trânsito

A compreensão do conceito de identidade, na contemporaneidade, é de total importância, mas esse conceito, no que lhe concerne, apresenta diferentes definições que se justificam pela dificuldade de se estabelecer com nitidez um entendimento claro, semântico e coeso do seu verdadeiro significado.

Dentre as muitas óticas as quais podem ser analisadas e compreendidas trazemos à baila os estudos da enunciação e, mais propriamente, da linguagem, pois de acordo com Bakhtin, enunciado é a “*unidade real* da comunicação verbal” (1987, p.293) É o uso concreto da língua, sendo que a comunicação só existe “na forma concreta dos enunciados”. Desse modo, o enunciado é individual, mas praticado por um interlocutor classificado como social, de modo que é atravessado sempre por outras vozes. Isto vem ao encontro com as outras características essenciais do enunciado pontuadas por Bakhtin. Se o interlocutor é social, isto leva a crer que seu enunciado (sua fala, seu discurso) vai se dirigir a alguém. As pessoas com quem dialogamos, também são interlocutores, que rebate prontamente, concordando, discordando, concluindo ou adaptando a fala do outro. Essa *compreensão responsiva ativa*, a qual Bakhtin explana, é totalmente diferente do entendimento da linguística tradicional, que entende o diálogo como um processo de comunicação entre um locutor ativo e outro passivo. A linguagem não pode ser tida somente

como o diálogo de um que fala e outro que escuta, de forma automática, precisa, como a gramática determina.

Com efeito, as fronteiras do enunciado, assim como Bakhtin as percebem não terminam ao findar de uma fala e início de outra, meramente. As fronteiras são delineadas por alternâncias entre os as pessoas enunciantes, e são demarcadas pelo interesse social e não somente pelos eventos de ordem linguística. Por alternância, podemos entender que a nossa comunicação sempre depende da resposta do outro.

A temática da identidade, no contexto histórico, ganhou maior relevância em meados do século XX, principalmente no continente europeu. Nesse cenário, o teórico Stuart Hall identificou um deslocamento do sujeito caracterizado por ser detentor³ de “(...) identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2014, p. 12).

Hall, percebe a formação epistemológica do conceito de identidade numa relação com o termo *diferença*. Segundo o autor, “(...) filosoficamente, a lógica da diferença significa que o significado/identidade de cada conceito é constituído(a) em relação a todos os demais conceitos do sistema em cujos termos ele significa” (2003, p.85). Nesse contexto, para Hall, as identidades são forjadas no que Foucault chamaria de relações de poder. Essa exclusão de partes ou do todo de identidades externas é consequência do exercício de poder (HALL, 2003, p. 85). O processo de construção de uma identidade cultural é ao mesmo tempo agregador e excludente. Esse novo entendimento, no entanto, trouxe consigo, referências do sujeito moderno, ora contestando, ora reconhecendo suas características, não obstante, dando forma a um novo sujeito que se admitiria classificar como pós-moderno. O autor entende a cultura como “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50).

Miranda (2021) pontua que a cultura pode ser conceituada como um discurso, uma forma de criar sentidos e transmitir valores e representações que estabelecem as práticas sociais e as representações de si. A identidade cultural, dessa forma, se originaria pela apropriação do conjunto de signos que determina a significação do mundo, dos aconteci-

³ Denominação dada às pessoas que integram comunidades, grupos e segmentos que possuem relação direta com a dinâmica de produção e reprodução de determinado bem cultural imaterial para as quais a prática cultural possui valor referencial por ser expressão da sua história. Os detentores possuem conhecimentos sobre esses bens e são responsáveis pela sua transmissão para as futuras gerações.

mentos e das práticas sociais, de modo que a identidade cultural abrangeria a maneira como um grupo, por meio da linguagem, se caracteriza, enuncia, seu fazeres sociais, como suas crenças, rituais, simbolismos e narrativas.

Dessa forma, Bauman (2005, 2003), acredita que não se nasce portando uma identidade cultural, mas adota-se uma identidade. Adotar essa identidade significa, então adotar certo discurso e enunciá-lo. Assim, na identificação o sujeito utiliza um discurso no qual ele se identifica dentro de um papel social estipulando para si uma relação de pertencimento a um grupo e a um modo de significar o mundo e as coisas. A identidade cultural, por essa ótica, é antes assumida pelo sujeito determinada pela tradição.

Ana Carolina Escosteguy (2001, p. 139), por sua vez, diz que as discussões referentes à identidade só alcançaram as dimensões atuais em função da complexidade do debate e da crise de identidade que se originou desde a modernidade e se intensificou nas últimas décadas do século XX. A autora pontua que:

(...) essa perspectiva – a da identidade cultural – passa a ser evidente, sobretudo como resultado da influência de reflexões em torno de temas como identidade e cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade/pós-modernidade, globalização, pós-colonialíssimo, entre os mais importantes, dentro do espectro dos estudos culturais (ESCOSTEGUY, 2001, p. 139).

No que tange ao entendimento de modernidade o teórico, Homi K. Bhabha (1998), diz que a modernidade instituiu uma divisão social, um binarismo que reverbera o paradoxo, centro-margem, pobre-rico, desenvolvimento-subdesenvolvimento. Essas questões estabelecem a base das pesquisas e dos estudos críticos e culturais pós-modernos que, apontando tais problemas, procuram delinear brechas para outros enunciados, outras identidades sociopolíticas desde a diferença étnica, de raça, sexo, gênero, língua etc.

Sobre isso, Walter Mignolo, supracitado por Nolasco, pontua que a sua visão de modernidade (...)

(...) não é definida como um período histórico do qual não podemos escapar, mas sim, como uma narrativa de um período histórico escrito por aqueles que perceberam que eles eram os reais protagonistas. “Modernidade” era o termo no qual eles espalhavam a visão heroica e triunfante da história que eles estavam ajudando a construir. E aquela história era a história do capitalismo imperial (havia outros impérios que não eram capitalistas) e da modernidade/colonialidade (que é a cosmologia do moderno, imperial e dos impérios capitalistas da Espanha,

à Inglaterra e os Estados Unidos (MIGNOLO apud NOLASCO, 2015, p. 174).

Desse modo, para construir outras identidades, é preciso olhar para os menos favorecidos que estão às margens, para os indivíduos cujas identidades sociais não são fixas, porque estão em processos contínuos de reconstrução: “as identidades são necessariamente incompletas, intermináveis, (...) elas são como mosaicos ou como imagens de caleidoscópios (MOITA LOPES, 2002, p. 63).

Sendo a cultura as atividades, anseios e manifestações religiosas e artísticas de um povo, ela se encontra em contínua mudança, e, deste modo, colabora com a formação da *identidade cultural* de um indivíduo que, por sua vez, se forma no decorrer de toda a sua existência. “Entende-se por identidade cultural a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 1999, p. 22). A sociedade a qual estamos inseridos é formada e se molda através das vivências de uma comunidade; ao se criar contextos, cria-se também novas situações com as quais a comunidade tem de lidar. Ainda de acordo com Castells (1999, p. 23): “sendo a cultura o registro de um povo, ela se encontra em um processo contínuo de transformação, e, nesse sentido, a formação da identidade cultural de um indivíduo se dá durante toda a sua existência”.

Para o historiador africano, Joseph Ki-Zerbo (2009), “a identidade se constrói através da integração (...). Sem identidade, somos um objeto da história, um instrumento utilizado pelos outros, um utensílio. E a identidade é o papel assumido; é como numa peça de teatro, em que cada um recebe um papel para desempenhar” (ZERBO, 2009, p. 12). Assim, a identidade não é uma característica fixa que depois de adquirida se tornará permanente, outro sim, é construída pelos sujeitos no decorrer de suas vidas, de acordo com suas relações sociais, suas posições na sociedade e as relações de poder que desempenham. Identidade é a percepção e o posicionamento sociopolítico de se fazer parte de uma comunidade, de uma família, de um grupo, de uma nação. Além disso, uma pessoa não possui uma única identidade, são múltiplas, baseadas em sua classe social, nacionalidade, gênero, religião, que são moldadas em suas relações sociais, resultados das interações entre ela e o mundo.

Isto posto, conhecer as manifestações culturais, especificamente as afrodescendentes, que carregam conteúdos de afirmação e ancestralidade é um meio de resgatar as matrizes culturais africanas e de ressignificar a identidade do negro na sociedade contemporânea. Tal conhecimento permite a valorização de sua raiz africana e a superação do complexo de inferioridade engendrado pelo processo de dominação dos colonizadores,

que retiraram dos povos africanos a liberdade, as tradições e a soberania.

Nas manifestações de Congado e Folia de Reis, por exemplo, existem grandes variedades de cânticos destinados a procissão, entrada e saída da igreja, cumprimento a outros capitães, saudação a reis e rainhas, príncipes e princesas. Ao entoarem tais cânticos, esses detentores representam a si e ao interlocutor dentro de um universo social e religioso simbólico que remete à antiga ancestralidade africana. Percebemos, então, como esses enunciadores retratam a si mesmos e a seus pares, e como essa enunciação permite construir, “na” e “pela” linguagem, um ambiente social e espiritual perpassado pela memória de antigas tradições africanas associadas ao catolicismo popular.

As cantigas do Congado, das Folias de Reis e as histórias orais, muitas vezes, oferecem uma visão do negro que foge da limitação dos estereótipos pejorativos, trazendo-o para um local de protagonista, herói, sábio, fonte de conhecimento e de cultura, guerreiro e guardião da história de seu povo; permitindo, assim, que os ouvintes ou espectadores (re)descubram a diversidade cultural que forma a identidade dessas pessoas e está entranhada em suas próprias raízes ancestrais. Isso pode ser percebido nos versos da cantiga do Terno de Moçambique:

Lá do céu vem descendo uma coroa
Essa coroa é da Virgem da Glória

Vamos apanhar ela com jeito meus irmãos
Que essa coroa é de Nossa Senhora

Cântico do rei

Lá vai, lá vai
Lá vai pela rua a fora

O negro também foi coroadado
Lá vai, lá vai...

Pode-se perceber na letra da canção que a coroa que desce do céu, é de Nossa Senhora e vem para coroar o negro que mantém, assim, um lugar de destaque dentro dessa construção textual e com isso firma-se a identidade de pertencimento e de graça. Porém, o crítico cultural, Homi Bhabha (1998, p. 239), diz que a crítica pós-colonial reconhece as forças desiguais de representação que subjazem à repetição do discurso hegemônico e procura intervir na ordem etnocêntrica das ideologias dominantes.

Bhabha deixa claro que é próprio da crítica pós-colonial a preocupação com o discurso de modernidade que procura normalizar “o desenvolvimento irregular e às histórias

diferenciadas de nações, raças, comunidades e povos” (BHABHA, 1998, p. 239). Assim, um problema é identificado: a dificuldade de produção de outras narrativas de identidade, de classe e histórias que não estejam ligadas à perspectiva de linearidade e de homogeneidade. A pós-colonialidade, nesse sentido, cria abertura para a reescrita de novas identidades desde uma visão de multiplicidade e de variação.

Ainda sobre as identidades sociais, Bhabha (1998, p. 247), afirma que “cada vez mais o tema da diferença cultural emerge em momentos de crise social, e as questões de identidade que ele traz à tona são agonísticas; a identidade é reivindicada a partir de uma posição de marginalidade ou de uma tentativa de ganhar o centro: em ambos os sentidos, excêntrica”. Sobre essa afirmação, Silva e Medeiros (2019, p. 95) esclarecem que essa fundamentação teórica de Bhabha está embasada em estudos literários e culturais norte-americanos e de escritores negros ingleses, como Hortense Spillers, em quem vai buscar outras formas enunciativas e de reconstituição discursiva dos processos de escravidão. Com base nos estudos de Debora McDowell e Paul Gilroy articula o problema da representação, destacando a importância da música negra (*rap, dub, scratching*) para a construção de narrativas abertas e coletivas dos povos negros.

Nesse sentido, a busca pela identidade se preocupa com a proposição de subjetividades de resistência e contestatórias aos sentidos de origem, unidade, totalidade e de pureza: um compromisso com a narrativa histórica e com os sujeitos da diferença cultural, conforme se observa na cantiga a seguir:

“Moçambique”

No tempo da escravidão
Quando o senhor me batia
Eu gritava para Nossa Senhora
Quando a pancada doía.

No tempo da escravidão
Negro morava na senzala
Oferecendo um rosa
Tirando o negro da Senzala

No dia treze de maio
É o dia tão bonito
Festa de Nossa Senhora
E também de São Benedito

⁴ Verso cantado capitão do Terno Moçambique, Chico do Brás (2023).

A princesa Isabel
 Com a caneta na mão
 Deu viva no palácio
 Acabou com a escravidão⁵

Assim, os entendimentos sobre identidade cultural devem levar em consideração que essa mesma identidade é edificada no espaço social e é também construída de forma coletiva. Mesmo que não se admita explicar sobre identidade coletiva sem considerar que a formação desta está marcada pela subjetividade. As questões pessoais se inserem e são influenciadas no processo, causando assim uma interdependência.

Na perspectiva do escritor palestino Edward Said em sua obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1978), a identidade é construída por meio da diferença e pode ser caracterizada por símbolos representativos que fazem parte da cultura de determinado grupo. Por isso a cultura é o elo de atribuição de significado por meio das representações que podem ser simbólicas ou sociais. Desta maneira os símbolos culturais do europeu foram responsáveis pela construção identitária do não-europeu.

Alicerçado nas manifestações simbólicas, por meio de signos da linguagem, se estrutura um sistema simbólico, no qual as representações se incubem de nortear a devoção como um ato comum e específico, que valida o sagrado nas manifestações em si. À vista disso, é dispensado a presença ou aprovação doutrinária, a ritualística se incumbe de sacralizar o profano, o cotidiano, em um rito devocional do local.

No tocante ao signo, Volóchinov (1983, p. 53) pontua que todo signo constitui um material ideológico, e toda construção ideológica é, por sua vez, semiótica. Logo, a religião, a literatura, a moral e a própria ciência constituem ideologias, signos que refletem e refratam realidades situadas fora de si mesmas.

Ainda de acordo com o teórico:

Qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de os limites de sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As catego-

⁵ Verso cantado capitão do Terno Moçambique, Chico do Brás (2023)

rias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação sgnica. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

Ocupa-se Volóchinov (2019) a investigar como os signos em uma realidade enunciativa arquitetada de forma ideológica, levando em consideração o lugar da consciência individual no ato de sua realização. O signo, por carregar uma orientação subjetiva, pode refletir e refratar a realidade, visto que todo referente traz na sua construção a julgamento de quem estabelece uma representação embasado em sua vivência individual e coletiva. Contradizendo-se aos aspectos linguísticos abstratos de Saussure dotadas de significado monológico, com palavras em estado de dicionário, sob a forma de sinal; os signos ideológicos têm como princípio a réplica a outros signos, opondo-se a um gesto de compreensão passiva.

Toda atividade com o signo; realizada em uma esfera artística, científica e cotidiana; assume uma perspectiva compreensiva ao retratar e compreender a realidade. Nesse cenário, Volóchinov (2017) afirma que os símbolos não-verbais podem ser concebidos na forma de músicas, de rituais religiosos e quadros de artistas com a função de expressar sentimentos e impressões da vida social e cultural. Toda forma artística, embora não se construa por formas linguísticas em sua camada superficial, pode ser concebida como signos não verbais responsáveis por formulações ideológicas.

Os símbolos, enquanto elementos visuais e sonoros, são organizados dentro de um sistema de representação que não podem ser substituídos por signos verbais, todavia as palavras apoiam o seu processo de significação. Nesse caso, essas imagens, estruturas simbólicas, chegam ao nosso nível de compreensão com auxílio da palavra na medida em que esse conjunto de signos não-verbais entram em diálogo com o discurso verbal. Observarmos que os signos não-verbais podem ser compreendidos como formas simbólicas que possuem uma materialidade, no interior de um sistema fechado (algébrico, artístico), projetando-se no discurso interior com no que é dito sobre essas obras no discurso verbal.

Sendo assim, o Congado e a Folia de Reis estão repletos de signos seja nas canções, na vestimenta, nas interpretações. Todos os acontecimentos, ao longo das celebrações, estão repletos de signos carregados de informações e marcas da vida social e cultural dos seus detentores colaborando, assim, para a afirmação das identidades que estão em constante evolução e progresso devido as condições socioeconômicas e religiosos de cada indivíduo.

“Todo pensamento se processa por meio de signos. Qualquer pensamento é a contribuição de um outro, para continuar em outro. Pensamento é diálogo. Semiose ou autogeração é, também sinônimo de pensamento, inteligência, mente, crescimento, aprendizagem e vida” (SANTAELLA, 2000, p. 9).

O Congado e a Folia de Reis são formas de representar o ausente, proporcionando a experiência de reviver a coroação dos Reis do Congo e o culto aos Três Reis Magos, no qual o real se fundamenta em gestos da crença originária, com constantes construções da ritualística que atenda o objetivo de celebração dos devotos. Os gestos, em uma nova celebração à memória, podem ser impulsionados pela tradição, milagre ou simplesmente pelo desejo de cultuar os santos, para fortalecer e complementar como devoto.

A necessidade do relembrar, o rito como compromisso, é uma aliança que interage como uma ação da manutenção da fé. A intensidade é marcada pelas peculiaridades da regionalidade que, como comenta Halbwachs (2006; p. 30), quando “conseguirmos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-lo com maior intensidade”. O autor também pontua a importância da relação específica entre a memória individual e coletiva, destacando que “nossas lembranças permanecem coletivas” mesmo que se trate de acontecimentos vivenciados individualmente, pois compreende que a realidade vivida faz parte de um processo de interação com o outro o qual construímos e damos sentido à vida.

A memória é elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual ou coletiva, sendo este fator determinante no pertencimento de uma pessoa ou de um grupo. Os acontecimentos, as personagens e os lugares que fazem parte das vivências dos sujeitos, constituem a memória como fenômeno individual e social. A memória é campo de disputa entre os diversos grupos que compõem a sociedade (SANTOS, 2013).

Nesse sentido, destacamos a importância da memória e oralidade, que de acordo com Thompson (1992, p.44) possibilita que a experiência de vida das pessoas possa contribuir para uma nova dimensão da história, pois permite dar voz a todos os sujeitos independente de sua classe social, além disso ela “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”.

Assim, os envolvidos nessas celebrações do Congado e Folia de Reis unem-se com propósitos comuns, independentemente da classe social, da diversidade cultural e étnica. Isto posto, observa-se as prováveis identidades nas performances dos indivíduos na dinâmica da ritualização no município de Cana Verde. A formação das representações

culturais destes grupos marcadas por expressões do catolicismo popular, múltiplas formas de manifestação da realidade e memória cultural sacralizada pela fé revelam coletividade e emoções comuns. Eles se empenham em agradecer por algo recebido ou, simplesmente, relembrar as tradições e recontar fatos históricos.

A linhagem familiar cumpre uma função essencial para transmissão dos cargos na hierarquia da prática do rito. O capitão, a liderança do grupo, é respeitado por todos como a representação do poder. Nesse contexto de tradição, as particularidades nas manifestações religiosas atestam que os participantes são incentivados pela fé e pelo bem comum. As identidades e representações se tornam ferramentas da expressão da cultura, um espaço para o público religioso, um espaço da religião popular, com sua forma independente e autônoma, à maneira de legitimar ao sagrado.

3.2 Notas sobre cultura e memória

O vocábulo “cultura” advém do latim *colere* e tem a mesma raiz etimológica das palavras *agricultura*, *cultivar*, *colher*, *culto* (tanto em sua forma adjetiva quanto a substantiva), isto é, tudo aquilo que precisa de empenho e dedicação para ser transformado ou que seja achado na natureza. Para Cícero⁶, educar um indivíduo em um ser social e político implicava em cultivá-lo: a filosofia é a cultura da mente. No século XVIII e XIX, filósofos alemães passaram a empregar o termo *Kultur* como *cultivado*, *culto* ou *civilizado*, daí vem a acepção de cultura como erudição (ALVES, 2020).

De acordo com Letícia Vianna (2014):

Cultura, do ponto de vista da antropologia, é uma característica da espécie humana, tal como a vida em sociedade. Compreende os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em suas coletividades. As sociedades possuem complexos sistemas culturais próprios, nos quais coexistem vários sistemas simbólicos, conflitantes e/ou harmônicos, criados, incorporados e compartilhados de maneira particular em cada contexto. Não obstante as semelhanças conjunturais e estruturais, históricas e culturais, as trocas e assimilações de elementos entre diferentes sociedades, uma das características mais marcantes da espécie humana é a diversidade de configurações socioculturais observadas e possíveis no tempo e no espaço.

Com a disseminação do entendimento do termo pelos estudos antropologia,

nasceram outras significações. Precedido pelo modificador “outro”, a palavra cultura passou a ser empregada, também, para incluir um grupo social. É nesse contexto que pode ser empregada no plural: culturas. É o caso de a cultura dos povos africanos, afrodescendentes, indígena ou a cultura norte americana. Pode-se falar ainda em cultura popular, erudita, de massa, organizacional, entre outras.

Seguindo esse raciocínio a cultura é definida como sendo o conjunto de atividades, modos de agir e costumes de um povo. É um processo em permanente desenvolvimento, efetuado por um grupo social, uma nação, uma comunidade e resulta de esforços coletivos pelo aperfeiçoamento de valores sociais e materiais. O valor da cultura no aprimoramento da identidade de um povo é entendido pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/ MG: 2007, p. 11) como:

A cultura e a memória de um povo são os principais fatores de sua coesão e identidade, os responsáveis pelos liames que unem as pessoas em torno de uma noção comum de compartilhamento e identidade, noção básica para o senso de cidadania.

Todas as sociedades têm uma cultura que retrata seu modo de viver e, desta forma, suas especificidades são características marcantes que revelam seus traços do mais simples ao mais complexo permitindo-nos conhecer e assim estudarmos as diversas culturas.

Cultura, portanto, diz respeito às expressões e práticas humanas que podem ser compreendidas como um conjunto de “significados transmitidos historicamente [e] incorporados em símbolos, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 1989, p. 66). Em outros termos, refere-se a um conjunto de crenças, hábitos, costumes, práticas alimentares, sistemas de parentescos, modos de moradia, instituições sociais, língua e tecnologia. Todos esses elementos constituem aquilo que passou, na antropologia, a ser chamado de cultura. Nesses termos, os aspectos culturais podem também emergir do cotidiano material e simbólico das pessoas por meio das práticas rituais (PEIRANO, 2004).

O aspecto cultural torna-se fator imprescindível porque é elemento em constante transformação e, por isso, revolucionário. Sua importância é tamanha que Bhabha chega a dizer que a cultura é a própria estratégia de sobrevivência das comunidades, pois as culturas não são fixas e imutáveis; antes, transmutam-se e deslocam-se constantemente. Nesse contexto, o autor destaca que a cultura pode ser transnacional e tradutória, aquela é marcada

pelo deslocamento cultural – migração, diáspora, relocação – esta reflete todas as modificações na própria compreensão do conceito de cultura, traduzindo a complexidade dos movimentos de deslocamentos territoriais: uma questão de definição e de significação.

Coelho Neto (1997), por sua vez entende a cultura como um processo que demanda interações entre os indivíduos, segundo o autor:

A cultura não se caracteriza apenas pela gama de atividades ou objetos tradicionalmente chamados culturais, de natureza espiritual ou abstrata, mas apresenta-se sob a forma de diferentes manifestações que integram um vasto e intrincado sistema de significações. Assim o termo ‘cultura’ continua apontando para atividades determinadas do ser humano que, no entanto, não restringem às tradicionais (literatura, pintura, cinema – em suma, as que se apresentam sob uma forma estética), mas se abrem para uma rede de significações ou linguagens (NETTO, 1997: 104).

No decorrer do processo de criação, de reprodução e de socialização do sistema de significações que configura uma determinada cultura são criados alguns elementos, manifestações, alegorias e símbolos com a capacidade de “confirmar ou transformar a visão de mundo” consensualmente ou por meios coercitivos, pois eles mostram-se mais eficazes que a força física. E uma vez reconhecidos, pelo grupo ou por parte dele, geram a “crença na legitimidade”, sendo, portanto, capazes de criar “autênticas” identidades nacionais e/ou culturais (BOURDIEU, 1989: 14).

No capítulo “Os estudos Literários hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*)” contido na obra *Estética da Criação Verbal* (2011), Mikhail Bakhtin, diz que a literatura é parte indissociável da cultura, “não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, (...) ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, por assim dizer, passando por cima da cultura (BAKHTIN, 2011, p. 360).

O autor pontua que:

(...) a cultura de uma época, por mais distante que esta esteja de nós no tempo, também não pode ser fechada em si mesma como algo pronto, plenamente acabado, que se foi de uma vez por todas, morto (...). A unidade de uma cultura é uma unidade aberta. Cada unidade dessa natureza (por exemplo, da Antiguidade), a despeito de toda a sua singularidade, integra o processo único (embora não linear) de formação da cultura da humanidade. Em cada cultura do passado estão sedimentadas as imensas possibilidades semânticas, que ficaram à margem das descobertas, não foram conscientizadas nem utilizadas ao longo de toda a vida histórica de uma dada cultura. A própria Antiguidade desconhecia aquela Antiguidade que hoje conhecemos (BAKHTIN, 2011, p. 364, 365).

⁶Cícero foi um dos mais importantes filósofos da Roma antiga (PEREIRA, 2006).

Esse entendimento de Bakhtin sobre cultura nos permite estabelecer uma base para com a prática das manifestações da Folia de Reis e do Congado, pois, estas, na atualidade, estão muito distante (como os detentores acreditam) de quando efetivamente aconteceram (A ida dos Reis Magos até a cidade de Belém para verem o menino Jesus logo após seu nascimento e a Coroação dos Reis e Rainhas do Congo), portanto, faz parte de um processo de construção “cultural” aberto e dinâmico, pois está em constante transformação – não está pronto e nem acabado. As pessoas contemporâneas a esses acontecimentos podem desconhecer esses eventos culturais, mas, graças a memória a prática cultural dessas manifestações hoje a conhecemos.

Bakhtin ainda diz que:

Existe uma concepção muito vivaz, embora unilateral e por isso falsa, segundo a qual, para compreender melhor a cultura do outro, é preciso transferir-se para ela e, depois de ter esquecido a sua, olhar para o mundo com os olhos da cultura do outro. Como já afirmei, semelhante concepção é unilateral (...). A grande causa para a compreensão é a *distância* do indivíduo que compreende – no tempo, no espaço, na cultura – e relação àquilo que ele pretende compreender de forma criativa. Isso porque o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudarão; sua autêntica imagem externa pode ser vista e entendida apenas por outras pessoas, graças a distância espacial e ao fato de serem *outras* (BAKHTIN, 2011, p. 365, 366).

Aqui, talvez, esteja a justificativa deste estudo acadêmico que tem como objeto de análise a Folia de Reis o Congado. A importância dessas manifestações para a formação e a conservação das identidades que as praticam e mantêm suas crenças é inegável e sobre elas já existem muitos trabalhos científicos consolidados, que, em sua grande maioria partem de investigadores que são de detentores dessas manifestações como, por exemplo, Sebastião Rios (2006), Talita Viana Neves (2014), Larissa Geórgia Bráulio Moura (2012), entre outros.

No nosso caso, somos investigadores que estamos à distância daquilo que desejamos compreender o que é benéfico para os resultados, pois, no entendimento de Bakhtin (2010) “no campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de outra cultura.

E tudo isso só é possível graças a *memória*, pois ela detém uma posição central neste processo, pois, como bem disse Bakhtin (2010, p. 396): “não se pode mudar o aspecto

efetivamente material do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre). O papel da memória nessa eterna transfiguração do passado”.

Neste aspecto as questões que envolvem a Folia de Reis e o Congado são carregadas de passado, que não podem ser alterados, mas são locais de referências, de fé e de significação. Como bem coloca Henri Bergson, em *Memória e vida* (2006), “de modo geral, de direito, o passado só retorna à consciência na medida em que possa ajudar a compreender o presente e a prever o porvir: é um batedor da ação” (BERGSON, 2006, p. 61). Ao partir dessa ideia, pode-se considerar as manifestações da Folia de Reis e do Congado como a organização do passado (principalmente para os seus detentores) com a finalidade de atribuir-lhe sentido e “explicar” o presente.

Assim, as canções que utilizam da memória como objeto primordial de seu enredo só podem ceder espaço à imaginação e ao desejo à imaginação, à medida que o vivido não pode nunca ser completamente apreendido pelo ato de recordar, uma vez que as memórias que ora se tem são passadas de pais para filhos. São memórias não vividas, e sim, adquiridas.

Faz-se fundamental esclarecer um aspecto: a evocação do passado através da memória está diretamente relacionada ao processo imaginativo. No entanto, tais ações não são sinônimas. Conforme destaca Bergson (2006),

Imaginar não é lembrar. Uma lembrança, à medida que se atualiza, sem dúvida tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me remeterá ao passado a menos que tenha sido de fato no passado que eu a tenha ido buscar, seguindo assim, o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz (BERGSON, 2006, p. 49).

Portanto, pode-se compreender a importância das imagens e metáforas produzidas e possibilitadas pela oralidade: é através dessas ideias representadas pela linguagem que a relação entre os mais antigos (narradores) ao transmitir para os mais novos – suas memórias – possibilitarão a materialização e preservação da cultura. Através da memória, os detentores da Folia de Reis e do Congado garantem e (re)vivem a continuidade temporal de acontecimentos que ficaram lá, guardados em um tempo de outrora. Consequentemente, a memória se constitui como recurso, na linguagem, capaz de atravessar pela linha do tempo e alçar todo espectro de convivência que, a princípio, ficou aprisionado no passado. Tal constatação dilui, pouco a pouco, a distância entre os sujeitos e as suas raízes históricas.

3.3 Uma visão a partir da alteridade: o referencial bakhtiniano

A relevância dos estudos de Bakhtin não foi importante somente para a área literária, mas também para toda a linguística. Suas obras foram importantes para o entendimento de como se realiza a construção da significação no funcionamento dos discursos da vida cotidiana, aqueles que dizem respeito diretamente com a ocasião em que são produzidos, podendo identificar neles, com mais facilidade, a natureza social da linguagem. Para ele, a linguagem é uma prática social cotidiana que envolve a experiência do relacionamento entre sujeitos. Essa experiência é parte integrante do sentido do dizer.

No que se refere à alteridade, para o Círculo de Bakhtin, essa temática é fundamental, por este fato é abordada desde o início das investigações levando a discussão para a ceara das reflexões sobre o que seria uma arquitetura do mundo da vida, o mundo concreto, “mundo de nomes próprios”, que se organiza e é vivenciado em torno dos centros de valores do eu e do outro, em três dimensões, quais sejam, eu para mim, eu para o outro e o outro para mim (BAKHTIN, 2010).

O princípio dialógico fundamenta a alteridade como componente do ser humano e de seus discursos. Conhecer a dialogia é identificar a diferença, uma vez que é a palavra do outro que nos traz o mundo exterior.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade. (BAKHTIN, 1979, p. .314/318).

Quando criamos discursos, não somos os geradores deles, todavia intermediários que dialogam e contesta com os outros discursos já criados na sociedade, no nosso meio cultural. Essa relação dialógica é carregada de controversas, não há passividade. Nela, o discurso é um vaivém, contém mudanças, tentativa de transformação e mesmo subversão dos sentidos.

A compreensão de um discurso nunca será a última: a interpretação é ilimitada. O que possibilita a evolução de um diálogo entre enunciados é essa possibilidade múltipla de sentidos perdidos que voltam à memória, causando neles o aperfeiçoamento dentro de outros contextos.

Conforme Todorov (2009), Bakhtin delineou um novo entendimento da cultura que a

coloca como uma formação de discursos que detém memória coletiva e em relação aos quais é indispensável manifestação. É esse intercâmbio dialógico e intermediária que cria movimento e transformações, afastando do sujeito o assujeitamento. Proveniente do princípio da relação dialógica polêmica, constituído pelo sujeito produtor de discursos em um contexto social, Bakhtin criou um entendimento para sua teoria, segundo Todorov (2009), seria a interpretação ou a *compreensão responsiva ativa*.

Todo o entendimento é um processo ativo e dialógico, conseqüentemente difícil, que carrega uma resposta, uma vez que é formada por sujeitos. O ser humano, acompanhado dos seus discursos, sempre prevê destinatários e suas respostas. O entendimento de um enunciado vivo é sempre repleto de respostas (BAKHTIN, 1979). A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. (BAKHTIN, 1929, p.132). A pessoa que cria um discurso não quer um entendimento passivo que só produziria a repetição de seu pensamento, mas aspira respostas que evidenciem aceitação, anuência ou, contrariamente, contradição às ideias expostas. O sujeito bakhtiniano provoca respostas, toma atitudes, constituindo-se um sujeito não totalmente interpelado.

O enunciado, essa unidade concreta elaborada pela ação enunciativa, foi estabelecido por Bakhtin (1930 e 1979) como uma enunciação linguística direcionada para o outro. Assim, a construção de um discurso levaria em conta a existência de um sujeito que é o seu destinatário, bem como a ressonância dialógica produzida por seus enunciados já efetivados e todos os enunciados de outros sobre a mesma temática, armazenados em sua memória. Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado (BAKHTIN, 1979, p. 325). Essa “responsividade” traz um juízo de valor que, começando na relação do enunciado com a realidade, com seu autor e com os outros enunciados prévios, traz para o discurso os elementos ideológicos que o compõem. Todo enunciado (discurso, conferência etc.) é arquitetado em função de um ouvinte, ou seja do seu entendimento e de sua resposta, bem como de sua percepção avaliativa (concordância ou discordância) (BAKHTIN, 1930, p. 292).

Inclui na “orientação social” do enunciado que é direcionado a uma outra pessoa estar dar ênfase a questão dos valores, que também é uma questão ideológica. Viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida (BAKHTIN, 1979, p. 201), já que as categorias fundamentais de valores são o eu e o outro. No que cabe ao autor do enunciado, esse ajuizará seu destinatário e por aí moldará o formato e a maneira de produção

de seus enunciados, que serão diferentes em concordância com a situação social e a importância de seu interlocutor, bem como suas posições, convicções e pontos de vista.

É no enunciado que acontece o embate entre a língua e a realidade. A escalação das palavras para a criação de um enunciado leva em consideração outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais o locutor se posiciona. Dessa forma, quando reproduzimos o discurso do outro, nele podemos perceber uma dupla expressão: a original, do outro e a expressão atualizada que é por nós introduzida no enunciado do qual vai fazer parte. (BAKHTIN).

Com efeito, para Bakhtin, a construção do discurso abarca um trio constituído pelo autor, pelo destinatário e por todas as vozes-outras que sempre já nele residiam, pois o “diálogo” é o evento do encontro e interação com a palavra do(s) outro(s). A alteridade é, para o autor, um processo dialógico em que o elemento comum é o discurso.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS: TRADIÇÃO E INSPIRAÇÃO

4.1 Cana Verde entre paisagens, história e narrativas

De acordo com o professor e historiador, Vicente Freire Barbosa (2021), a cidade de Cana Verde tem sua origem, no fim do século XVIII, quando a região onde se encontra o município era explorada pelo minerador Romão Fagundes do Amaral que se fixou no local por causa da exploração do ouro e pela procura de outros minérios. O local ficou conhecido como Matozinhos do Jacaré, pela proximidade do Rio Jacaré. Algum tempo depois, começaram o plantio de cana-de-açúcar nesta região. E com o desenvolvimento da agricultura e pecuária, surgiu na localidade um “pouso de tropeiros”, cujo rancho construído sedimentou o início da nova atividade. A estrada de bois que ali passava, ligava Lavras do Funil ao Oeste Mineiro.

Com o passar do tempo, Dona Maria do Rosário da Conceição, Matriarca da Família Anastácio Barbosa, mãe de fazendeiros influentes, mandou construir uma capela na parte mais alta da região, onde havia uma plantação de canas-verdes, o que deu origem ao nome do arraial, que passou a ter como padroeiro o Senhor Bom Jesus de Matosinhos, imagem de devoção portuguesa. Essa freguesia pertenceu em 1831 como distrito de Paz ao município de São João D’el Rei. A partir de 1848, A região de Matosinho do Jacaré, passou a ser um Distrito com o nome de ‘ ‘ Senhor Bom Jesus da Canna Verde’ ’ pertencendo ao Município

de Oliveira.

Em 1874 o distrito foi elevado à categoria de Freguesia, passando a pertencer ao Município de Lavras. Dez anos depois, em 1884, foi elevado à categoria de Vila continuando com mesmo nome e passando a ser jurisdicionada pelo Município de Campo Belo. A estrada de Ferro no Km 39, do Ramal de Ribeirão Vermelho à Formiga, foi inaugurada em 3 de janeiro de 1897, trazendo o progresso para região.

Aos 7 de Setembro de 1923, pela Lei nº 843, reduzem-lhe a denominação para CANA VERDE, onde passou a pertencer ao município de Perdões, e no dia 30 de dezembro de 1962, o Órgão Oficial do Estado de Minas Gerais publicou o decreto nº 2764, criando o município de Cana Verde.

A instalação da cidade, foi em 1º de março de 1963, com posse do Intendente Municipal Sr. Antônio Bastos Garcia, indicado pelo Governador do Estado de Minas Gerais, Sr. José de Magalhães Pinto. Antônio Bastos Garcia, permaneceu no cargo até o dia 30 de agosto de 1963. Na manhã do dia 1º de setembro, após eleições municipais, tomou posse o primeiro Prefeito e a primeira Câmara Municipal de Cana Verde, Sr. Nemésio Monteiro Junior. Cana Verde está a 177 km da capital mineira, Belo Horizonte, e possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 5.594 habitantes.

4.2 Festa do Congado

O Congado faz parte da cultura brasileira e se caracteriza como ritual que inclui danças, cantos, levantamento de mastros, coroações do rei do Congo e préstito à embaixada – elementos que compõem a celebrações que acontece em outubro e é dedicada aos santos Católicos: Nossa Senhora do Rosário, São Bento e Santa Efigênia.

Nos tempos do Brasil Colônia (portuguesa) houve o encontro das culturas indígena, europeia e africana e deste embate surgiu diversas festividades, muitas delas tendo como referência as festas do calendário religioso católico (europeu). O Congado é uma dessas festas e aproxima rituais de origem africana (principalmente de Angola e do Congo) a santos católicos.

Há de se pontuar que ao longo do século XX, diversos autores se empenharam na tarefa de encontrar alguma explicação para a origem das festas de coroação do rei do Congo. Várias são as interpretações sugeridas nesse sentido, ora convergindo para uma mesma direção, ora divergindo totalmente umas das outras.

Este sincretismo, que liga música, dança e fé, é complexo e rico e faz com que cada terno

de congado tenha suas particularidades. Alceu Maynard Araújo, por exemplo, diz que o Congado não tem origem africana, mas sim europeia: “Congada, Congado ou Congo de uma região para outra seu nome pode variar, mas o *substractum* dela é sempre a luta entre cristãos e mouros” (ARAÚJO, 1967, p. 216).

Mário de Andrade que muito contribuiu no Movimento Modernista brasileiro, por sua vez, logo no início de um artigo publicado em 1935, recorre aos escritos de jesuítas e viajantes, para buscar a origem das danças do Congado. Segundo o autor:

O jesuíta Antônio Pires dá notícia de que em 1552 os negros africanos de Pernambuco estavam reunidos numa confraria do Rosário, esse praticava na terra procissões exclusivamente compostas de homens-de-cor. Não se refere ainda a reis negros aqui, mas a indicação é muito sintomática. A eleição de reis negros titulares, a coroação deles, e as festas que provinham disso, Congos, Congadas, sempre até hoje se ligaram intimamente a festa, e mesmo a confraria do Rosário. Inda mais: as procissões católicas eram cortejos que relembavam ao negro os seus cortejos reais da África. Nada mais natural do que a identificação (Andrade 1935: 37).

Outros autores como Rossini Tavares de Lima (1962), Carlos Rodrigues Brandão (2009), Alfredo João Rabaçal (1976), José Ramos Tinhorão (2008), seguem a mesma linha de entendimento de Mario de Andrade e atestam que, os africanos escravos trazidos pelos europeus ao Brasil, teriam incorporado às tradições de Angola e do Congo, danças e traços culturais adquiridos no contato com os europeus, mesclando-as com a cultura local. Tais tradições serviram de ligação entre negros e brancos.

Andrade (1935) enfatiza que o Congado deriva de costumes africanos de se celebrar o coroamento dos reis emergentes. Dessa forma, o Congado seria antes uma manifestação cultural espontaneamente criada pelos negros escravizados do que uma encenação da luta entre cristãos e mouros. Para o autor, o costume de se nomear reis de fachada foi muito difundido entre os negros, tendo se iniciado na própria África, quando o colonizador europeu passou a exercer o poder de fato, em detrimento das autoridades locais que tiveram suas atividades restringida.

A Constituição Federal de 1988 em seu Art. 216 constituem Patrimônio Cultural brasileiro os bens de natureza *material* e *imaterial*, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – As formas de expressão;
- II – Os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- III - Criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação. Parágrafo 4º -Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

O artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003) entende por patrimônio cultural imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A conceituação do Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil acompanha de perto essa formulação. O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro⁷ e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, compreende o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam. Essa definição bem indica o entrelaçamento das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais.

Por isso, o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural da cidade de Cana Verde decidiu pelo Registro do bem cultural imaterial “Congado de Cana Verde” devido à grande importância que o Congado tem na cidade. No dia 23 de novembro de 2017 o prefeito em exercício assinou o Decreto nº 1.060 homologando a decisão.

Figura 1: Registro do Bem imaterial “Congado de Cana Verde”



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Cana Verde

De acordo com o professor e historiador, Vicente Freire Barbosa, desde os primórdios do arraial do Senhor Bom Jesus de Cana Verde a festa de Congado tinha grande participação da população. Os fazendeiros vinham das fazendas próximas e traziam seus escravos para as festividades. Os mais antigos contavam que como não havia energia elétrica, eles cortavam bambu, colocavam azeite de mamona fazendo várias tochas iluminando as ruas do arraial para a celebração do Congado que geralmente acontecia no mês de agosto.

Em julho eles levantavam os mastros e no final de agosto eles os desciam com muito júbilo e alegria. A festa durava várias semanas e durante o dia os ternos visitavam as casas com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Os festeiros do ano ofereciam almoço e jantar com comidas típicas (molho de frango, tradicional angu, arroz, tutu de feijão – tuto tonto, por levar em sua composição a cachaça – carne de lata e muitos doces: de mamão, de figo, doce de leite, de laranja, pé de moleque, entre outros.

No último dia da festa os mastros eram descidos, estes ficavam hasteados no Lardo do Rosário, em frente a Capelinha dedicada à Nossa Senhora do Rosário que, na época, era a igreja onde os escravos e libertos cultuavam o cristianismo sincretizado com as crenças africanas. Na igreja Matriz, que ficava no Largo de Cima, era frequentada pela elite branca e rica.

⁷ O registro é um instrumento legal de preservação e valorização do patrimônio imaterial do Brasil.

Em julho eles levantavam os mastros e no final de agosto eles os desciam com muito júbilo e alegria. A festa durava várias semanas e durante o dia os ternos visitavam as casas com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Os festeiros do ano ofereciam almoço e jantar com comidas típicas (molho de frango, tradicional angu, arroz, tutu de feijão – tuto tonto, por levar em sua composição a cachaça – carne de lata e muitos doces: de mamão, de figo, doce de leite, de laranja, pé de moleque, entre outros.

No último dia da festa os mastros eram descidos, estes ficavam hasteados no Lardo do Rosário, em frente a Capelinha dedicada à Nossa Senhora do Rosário que, na época, era a igreja onde os escravos e libertos cultuavam o cristianismo sincretizado com as crenças africanas. Na igreja Matriz, que ficava no Largo de Cima, era frequentada pela elite branca e rica.

Com o passar do tempo as pessoas mais ricas da comunidade faziam a festa com muito requinte e fartura. A última delas foi na década de 80 promovida pelo farmacêutico Alceu Cardoso.

Figura 2. Programa da Festa de Congado do ano de 1981



Fonte: Arquivo pessoal da Prefeitura Municipal de Cana Verde/MG

Figura 3: Mastro da Festa do Congado



Fonte: Arquivo pessoal da Prefeitura Municipal de Cana Verde/MG

O último dia do Congado, após a celebração da missa, a festa terminava com a procissão acompanhando a imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas do vilarejo.

Figura 4: Imagem dos festeiros



Fonte: Arquivo pessoal da Prefeitura Municipal de Cana Verde/MG

Figura 5: Festeiros em procissão



Fonte: Arquivo pessoal da Prefeitura Municipal de Cana Verde/MG

Atualmente existem duas datas anuais em que a Festa do Congado acontece: maio e outubro. Em maio, o Congado é realizado em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Em outubro, os festejos são destinados à São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. Atualmente existem os Ternos denominados de “Moçambique” e “Catopé”.

Figura 6: Terno de Moçambique



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 7: Terno de Catopé



Fonte: Arquivo Pessoal

O Terno de Catopé ou Catopês surgiu da influência indígena, propiciada pela interação ocorrida entre escravos fugidos, que se escondiam nas matas, com os índios. Após retornarem para os vilarejos com o fim da escravidão, esses escravos inseriram nas Congadas

o jeito de vestir e dançar dos indígenas. Utilizariam ainda cantorias irônicas e críticas sociais. Fazem uso de tamborins, viola, violões, cavaquinhos, chocalhos, caixas, reco-recos, acordeons, cuícas e pandeiros.

Figura 8: Folião detentor do Terno de Catopé.



Fonte: Arquivo pessoal

Os Capitães do Catopé fazem uso de bastão. Geralmente se apresentam em fila dupla e fazem diversas coreografias. Eles também cantam o Reinado do Rosário, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, a coroação dos Congos e Rainhas Congas e a longevidade dos Reis Perpétuos.

Os Ternos de Moçambique seriam identificados com maior facilidade devido a uma formação que remontaria aos primeiros negros escravizados na colônia brasileira, oriundos principalmente de um macro grupo denominado Banto. Os Moçambiques são compostos por pessoas mais idosas e daí o motivo de uma cantoria mais emotiva, cadenciada e lamentosa de louvores aos santos de devoção em especial Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Fazem ainda parte do repertório musical dos Moçambiques cantorias rememorativas aos tempos de escravidão. Eles trazem também em seu conjunto os benzedores e benzedoiras, em outros tempos tidos como protetores espirituais de agrupamentos étnicos.

É natural dos Moçambiques os bastões que conferem aos comandantes certo sentimento de força espiritual e a possibilidade de inserção de raízes, ervas, sementes e outras essências aromáticas de cunho medicinal nos seus ritos. Tudo isso caracteriza, de forma sintética, o Terno de Moçambique.

Figura 9: Benzedores dos Ternos



Fonte: Arquivo Pessoal

Os cantos dos capitães do Congado têm um evidente cunho religioso, cuja matriz é o catolicismo negro de raiz banto. Uma das primeiras evidências dessa origem presente nos cantos da festa são as reminiscências da concepção africana de realeza. A aura de sacralidade era atributo intrínseco de toda monarquia.

Na África Centro-Occidental, o rei conservava a função do sacerdote e era visto como ser divino. Ele mantinha estreita ligação com o mundo dos ancestrais e era responsável pela abundância do reino e pela harmonia das comunidades que governava. Assim, a religião era fonte de poder, e este, fonte de riqueza para o grupo. A divindade atribuída ao rei ou a rainha comunicava-se com as insígnias do seu poder, a coroa especialmente, que conservava características mágicas, contribuindo para a harmonia, o bem-estar e a saúde do grupo. É por isso que, nos cantos do reinado, são tão frequentes, ao lado das invocações dos santos e dos pedidos de proteção, as homenagens aos reis e a veneração da coroa:

Esta festa de reinado /
 É uma festa diferente /
 acorda quem tá dormindo /
 melhora quem tá doente
 Quando chega neste dia /
 Oiá eu não choro à toa /
 quando for logo mais tarde / vou buscar santa
 Coroa.

(Capitão Chico do Brás, Reinado de Cana Verde, MG)

Coroa, coroa / coroa do senhor rei, coroa
 Ô viva nosso rosário / Ô viva São Benedito / eu
 danço este reinado / danço porque acredito.

(Capitão Chico do Brás, Reinado de Cana Verde MG)

A bandeira de Nossa Senhora do Rosário deve sempre ir à frente do grupo.

Figura 10: Benzedores dos Ternos



Fonte: Arquivo Pessoa

4.3 Folia de Reis

O Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais aprovou no dia 06 de janeiro de 2017 o reconhecimento da Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial do estado. A manifestação cultural e festiva, celebrada anualmente por católicos, ocorre geralmente no dia 6 de janeiro. Esta data, na tradição cristã, marca o aniversário da visita dos três reis magos ao recém-nascido Jesus Cristo.

A Folia é uma das manifestações culturais mais antigas e propagadas no estado de Minas Gerais. A tradição faz parte das celebrações religiosas feitas no Brasil, e, com o passar do tempo, foi se tornando um elemento de muito valor na construção do imaginário, identidade e memória individual e coletiva das pessoas.

Também denominadas ternos, companhias ou embaixadas as folias são manifestações

culturais- religiosas cujos grupos se estruturam a partir de sua devoção aos santos como: Reis Magos, Divino Espírito Santo, São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, entre outros. Geralmente, são formados por cantadores e tocadores, podendo apresentar personagens, como reis, palhaços e marungos⁹, que visitam casas de devotos distribuindo bênçãos e recolhendo donativos para variados fins. Apresentam características regionais e as indumentárias variam de grupo para grupo, podem ser encontrados foliões que utilizam trajes militares, vestes de palhaço, máscaras ou roupas comuns.

De acordo com o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais IEPHA:

As folias são importantes expressões da religiosidade brasileira. Porém, em Minas Gerais, a celebração parece ter encontrado terreno fértil, firmando raízes em todo o estado e se perpetuando ao longo dos séculos na memória social dos mineiros. Para compreendê-las em todo seu universo simbólico, festivo e religioso, fez-se uma busca por referências históricas, que apontaram que a folia feita hoje no Brasil possui uma gênese diversificada. Neste sentido, há uma complexidade em estabelecer origens nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos devido à diversidade de narrativas e à sua multiplicidade de dimensões, pois é ao mesmo tempo festa, performance e rito. No entanto, embora não seja apropriado estabelecer uma única versão ou matriz para seu surgimento, é possível estabelecer algumas hipóteses por meio de estudos, fontes e relatos históricos (IEPHA, 1216, p. 17).

Por conseguinte, grande parte das narrativas e documentos apontam que as Folias brasileiras exibem características da cultura ibérica, sobretudo de Portugal, faz parte das celebrações mais antigas e propagadas no estado de Minas Gerais e no Brasil, e, ao longo dos anos, foi se tornando um componente de considerável importância na construção do imaginário, identidade e memória individual e coletiva dos mineiros. As Folias englobam várias atividades culturais, saberes, formas de expressão, ritos e celebrações, reproduzindo uma parcela significativa do patrimônio cultural mineiro.

As folias existem em Minas Gerais desde os tempos coloniais, encontrando terreno fértil primeiro nas fazendas, depois no meio urbano, sempre no período natalino. É uma manifestação cultural ligada ao catolicismo popular, normalmente desenvolvida por mestres, cantores, tocadores, bandeireiros ou alferes, que realizam visitas às casas de devotos levando bênçãos e recolhendo donativos para variados fins. Possuem como um dos principais elementos simbólicos a bandeira, que carrega a imagem do santo de devoção, e se organizam a partir de ritos como o giro ou jornada, encontros, festas e o cumprimento de promessas. Frequentemente, os foliões e foliãs saem em procissão nos dias em que se celebra o santo no qual se consagra a folia, indo na residência dos devotos que acreditam nas bênçãos

ocasionadas pelas rezas e cantos de saudação e louvor, bem como pela visita das bandeiras. Esse é o entendimento básico que dias em que se celebra o santo no qual se consagra a folia, indo na residência dos devotos que acreditam nas bênçãos ocasionadas pelas rezas e cantos de saudação e louvor, bem como pela visita das bandeiras. Esse é o entendimento básico que define as folias de Minas, não apresentando grandes mudanças estruturais para as distintas devoções.

O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) apresentou o resultado de uma extensa pesquisa que revelou mais de 50 tipos de devoção e uma grande diversidade de folias no estado. Esse procedimento, além de propiciar maior visibilidade a essas manifestações da cultura popular, fará com que o poder público se torne responsável pelo estabelecimento de medidas para incentivar e garantir sua perpetuação.

Estudos apontam que, embora possuam princípios cristãos, as folias carregam símbolos que foram traduzidos das festas populares feitas por antigas civilizações, especialmente as que viviam em Roma, nos séculos que antecederam a era cristã. Essas festividades foram recriadas principalmente a partir do século III, período marcado pela expansão do chamado cristianismo primitivo em partes da Europa, África e Ásia.

No Brasil, uma das formas de materialização da fé se deu por meio do culto e dos festejos dedicados aos santos. De acordo com Vera Jurkevics (2005), as festas religiosas constituíram-se como um importante espaço de sociabilidade para a maior parte da população brasileira, sendo marcadas tanto pelo caráter sagrado, com “efusivas manifestações de fé visíveis”, quanto pelo profano, com “músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício”.

Com o passar do tempo, os festejos ficaram cada vez mais próximos do cotidiano da população, transformando-se em um momento de celebração da vida, de rompimento do ritmo cotidiano, de evasão do tempo terreno e de interação social. Delineadas desde o século XVIII, intensificadas no século XIX e XX, e presentes ainda hoje, as festas dedicadas aos santos revelam, portanto, a perpetuação das tradições e a existência de fundamentos de respeito à fé e à fraternidade comunitária.

Na cidade de Cana Verde, todos os anos, desde a época do arraial até a atualidade (atualmente com menos participantes), no dia 06 de janeiro (dia em que se comemora o dia dos Santos Reis), os grupos que formam a Folia de Reis saem pelas ruas da cidade. Cada grupo é composto por um ou dois marungos. Além de outros membros que dançam, cantam e tocam instrumentos. Os instrumentos que conduzem os cantos são as violas, violão, cavaquinho, pandeiro, bumbos, sanfona e caixas. Possuem como principal elemento

simbólico a bandeira e organizam-se a partir de ritos, como o giro ou jornada, encontros, festas e cumprimento de promessas.

Visitam as casas levando a bandeira e quando uma folia se encontra com outra há uma disputa (batalha) de cantos e danças dos marungos.

5. O HETERODISCURSO COMO ELO HISTÓRICO, IDENTITÁRIO E CULTURA DAS REPRESENTAÇÕES DO CONGADO E DA FOLIA DE REIS

Não podemos desassociar as representações culturais e de identidade do Congado e da Folia de Reis das questões ideológicas¹⁰. Segundo Bakhtin, “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica” (BAKHTIN, 1986, p. 43). Nesta perspectiva, fica evidente que as criações artísticas e as construções musicais e identitárias desenvolvidas pelos detentores do Congados e da Folia de Reis, em diferentes momentos históricos, foram e são produzidos de forma que contribuem para a formação de ideologias e manutenção das identidades de uma determinada comunidade. “Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele” (BAKHTIN, 1986, p. 38).

Cada escolha musical que um Capitão de um Terno de Congado ou Folia de Reis faz expressa uma questão da sociedade e da circunstância em que vive. Todo signo possui um caráter ideológico que estabelece um significado relacionado de forma direta com o contexto ao qual está inserido. Ao ser construída com palavras populares e fazer uso de uma linguagem oral, as canções do Reinado e da Folia de Reis estabelecem uma identidade clara e marcante, diretamente associada com a mistura dos africanos aos europeus o que resultou em uma parte significativa da nação brasileiro.

Quanto à linguagem, para Bakhtin (2011), é uma atividade que tem sua situação histórica e social efetivada no instante da atualização dos enunciados. Além disso, tal entendimento de linguagem é focada nos interlocutores, expondo, dessa forma, sua condição ativa no ato verbal em que o discurso é elaborado. Trazendo a afirmação de que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2011, p. 116), todo e qualquer texto, seja ele verbal ou não- verbal, tem uma natureza social interativa, pois, quem o produz tem uma intenção comunicacional.

Como explana o teórico russo (2022, p. 282), “a vontade discursiva do falante

realiza-se antes de tudo na escolha de um certo gênero do discurso”. O discurso só se configura na forma de enunciações concretas de determinados falantes, ou sujeitos do discurso. Os enunciados concretos acontecem a partir do revezamento dos sujeitos dos discursos e isso se dá porque o sujeito termina seu enunciado para passar a palavra a outro, tornando-se um ser responsivo e participativo por tudo o que comunica. Torna-se, assim, um agente produtor de sentidos dos discursos produzidos socialmente em situações concretas.

Neste sentido, de acordo com Bakhtin, o heterodiscurso, por sua vez, “é discurso de outro na linguagem do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 113), e isso, no que se refere às canções e nas representações de Congado e de Folia de Reis, pode ser percebido em abundância. São colocados vários discursos na voz de um mesmo detentor, combinando elementos locais, regionais e de localidades distantes. Expressões de Minas Gerais (regionalistas) combinadas ou reescritas com palavras de outras localidades, e vice-versa. Essas formas geram um dialogismo que, além de conferir mais riqueza às canções dá harmonia e musicalidade às canções, como pode ser percebido na canção de Folia de Reis do compositor Rubinho do Vale:

Nas lonjuras dessa terra
Vi canto de roda e rua
Vi contradança e congado

Vi coisa de encabular
Eu vi folia de Reis
Eu vi sabiá cantar

Eu vi rosa no sertão
Gravatá, mandacaru
Vi boi berrar na caatinga
Eu vi vaqueiro aboiar

Por esse sertão mineiro
Vi pão de queijo caseiro
Arroz com feijão tropeiro
E uma broa de fubá

Vi semana santa e reza
Menina! Vi Diamantina
Eu vi rosa na janela
Vi Olímpia, vi Sinhá
Vi Chica da Silva, eu vi
Vi Chico Rei lá no morro
Rebelião pra viver
Vi liberdade brilhar

Nos versos abaixo se observa a presença de palavras e expressões do português africano (Moçambique) e a presença de dualidade religiosa presente na festa. O primeiro verso é oriundo dos rituais afro-brasileiros e o segundo verso é um hino católico.

Oh! Bate bumbo aruanda de Xangô
 A las lá na mata cachoeira balanço,
 Mas lá invem Nossa Senhora brasileira
 Carregando no braço seu buquê de flô

Ora vamo na igreja rezar
 Ora vamo na igreja rezar
 Que a Nossa Senhora mandou me chamar
 Ora vamo na igreja rezar

Ainda no tocante do Heterodiscurso, recorreremos à obra *Teoria do romance I: A estilística* (BAKHTIN, 2015, p. 13) onde o autor o classifica como:

O heterodiscurso é produto da estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais, e compreende toda a diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social, divergindo aqui, contrapondo-se ali, combinando-se adiante, relativizando-se uns aos outros e cada um procurando seu próprio espaço de realização.

No Congado e na Folia de Reis pode-se observar todos estes fatores no que se refere às combinações de elementos linguísticos e diversidade de vozes e discursos tanto para a composição das canções quanto na forma de manifestação artística (dança, vestimenta e estilos). É possível perceber os detentores dessa tradição como agentes de uma história não contada pela classe dominante.

Nesta observação é importante salientar que estes indivíduos são atores desta história. E, por meio de sua tradição, manifestam seus anseios, saudades, contrariedades e reivindicações. Estes sujeitos que realizam as festividades do Congado e da Folia de Reis em Cana Verde ostentam outros papéis dentro da sociedade a qual estão inseridos. De desconhecidos indivíduos assumem os postos de capitães, reis, rainhas e soldados, atores de um grande acontecimento que transforma completamente a dia a dia da cidade. Estes detentores vivem intensamente, durante todo o ano, a preparação dessas festividades.

Devido a esse encontro de inúmeras vozes e agentes sociais, essas manifestações vão ao encontro do que Santana e Oliveira (2020) explanam sobre os domínios ético e estético apontados por Bakhtin em suas análises. Segundo os autores, esses domínios, na vida e na arte, são responsáveis pela concretude da heterodiscursividade, a qual engendra inúmeras

vozes sociais que atravessa os discursos. Na vida teríamos a explicitação de diálogos, réplicas do cotidiano, o inacabamento de vozes que se dissolvem e retornam no tempo, enquanto na arte haveria a seleção valorativa do autor, do narrador e das personagens (BAKHTIN, 2006 [1979]). Essas vozes sociais ou do heterodiscurso estabelecem um agrupamento de sentidos narrativos, tendo em vista o momento histórico de criação, recepção e propagação de uso da língua. Apesar disso, essa categoria também pode ser utilizada em gêneros secundários, tais como o conto, a crônica, fábulas, canções, entre outros.

Santana e Francelino (2018, p. 238), pontuam que “os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração”, o que foi dito por Bakhtin (2006, [1979]) em “Metodologia das Ciências Humanas”. Desse modo, Santana e Francelino (2018, p. 239) compreendem que “em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação)”.

Isto posto, podemos perceber, que no caso das representações do Congado e da Folia de Reis, percebemos que ocorre, a todo instante, uma interação constitutiva entre o locutor, Capitão dos Ternos de Reinado e da Folia de Reis, e seus interlocutores, demais detentores da festividade, na medida em que fatos de outrora (tempos da escravidão, coroação dos reis Congos e visita dos Reis Magos ao Menino Jesus) são reenunciados.

No que se refere ao conceito de enunciado ele é entendido por Bakhtin como a unidade da comunicação discursiva. Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepetível da comunicação discursiva. Ele só pode ser citado e não repetido, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. O enunciado nasce na inter-relação discursiva, por isso que não pode ser nem o primeiro nem o último, pois já é resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica.

Na teoria de Bakhtin, os romances, as crônicas, as saudações, as cartas, as conversas de salão etc., são considerados exemplos de enunciado. Porém, tomando como um a priori a ideia de que todo enunciado se constitui a partir de outros enunciados (tanto os já-ditos como os previstos), muitos deles atravessam as fronteiras do enunciado, concretizando-se nos diversos modos de citação do discurso do outro (os enunciados no enunciado).

Contudo, a natureza do enunciado exige que, para ser compreendido, resulte necessariamente em uma reação ativamente responsiva, de modo que em uma interação discursiva dialógica os interlocutores são iguais e simultaneamente ouvintes e falantes

(BAKHTIN, 2003, pp. 271-272). Assim, um enunciado, como unidade da comunicação discursiva, delimita-se por meio da alternância dos sujeitos do discurso: por definição, a ocorrência de um enunciado – verbal ou não – implica, por um lado, a existência de enunciados anteriores aos quais se “responde”; por outro lado, implica na formulação responsiva de novos enunciados (BRAIT; MELO, 2017, p. 67). Este processo, portanto, está de acordo com o entendimento de que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, pp. 272-276). Por este motivo, encontra-se no interior de cada enunciado um outro enunciado, mais antigo e alheio (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249).

Fica perceptível, diante dessas considerações, que o enunciado deve ser considerado interligado à situação social (imediata e ampla) em que é produzido e está inserido. Isto é, o enunciado não pode ser compreendido dissociado das relações sociais que o suscitaram, pois o “discurso”, como fenômeno de comunicação social, é determinado por tais relações.

Esta dinâmica é a base sobre a qual ocorrem os processos culturais, e sem a qual eles não são possíveis – ao menos, não podem ser considerados culturais (SOBRINHO, 2013 195). Então, indo além de buscar exclusivamente a compreensão dos sistemas de signos, como também entender a construção de sentido por meio de interações dialógicas – entre códigos, discursos, linguagens, sistemas, enunciados –, observa-se que a circulação de sentidos e as manifestações culturais coexistem (MACHADO, 2011, pp. 283-285), fundando e estimulando a socialização e o desenvolvimento humanos (SOBRINHO, 2013, pp. 194- 195).

Sendo assim, vale pontuar que o universo discursivo dos Capitães, responsáveis/responsivo pela relação que mantém com os demais – os detentores e os demais participantes da festividade – se estende pelas interações com a exterioridade que o constitui, ou seja, enunciados validados pela história e pela memória social: o interdiscurso. Sob o viés do heterodiscurso, procuramos buscar, assim, discorrer sobre a representação do Congado e da Folia de Reis em suas exposições orais que contribuem para o resgate histórico da tradição através da memória e a construção de identidade e pertencimento, abrindo também espaço para a crítica social.

6. PRODUTO EDUCACIONAL VINCULADO À DISSERTAÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

TÍTULO: O encontro dos Reis Magos com os Reis do Congo na cidade de Cana Verde/MG.

AUTORA: Danyelle Marques Freire da Silva.

FORMATO DO MATERIAL DIDÁTICO: Documentário.

CLASSIFICAÇÃO DO FORMATO NO DOCUMENTÁRIO DA ÁREA DE ENSINO DA CAPES: Mídia Educacional.

LÓCUS DE PRODUÇÃO DO PROJETO E SUA LOCALIDADE: Universidade Federal de Lavra/UFLA.

PROFESSOR ORIENTADOS: Prof. Doutor Marco Antonio Villarta-Neder.

PROGRAMA DE ENSINO: Programa de Pós-Graduação em Educação.

LINHA DE PESQUISA: Linguagens, diversidade cultural e inovações pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Cultura. Heterodiscurso. Congado. Folia de Reis.

PRODUTORES: Danyelle Marques Freire da Silva e Amaury Junior.

6.1 Apresentação

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras, de acordo com Art. 1º do seu regulamento, “contempla perspectiva pedagógica distinta do mestrado acadêmico, evidenciada por estrutura curricular que preconiza o aprofundamento da formação técnico-profissional conquistada na graduação e pela produção de um trabalho de conclusão em que o estudante demonstre capacidade de articular conhecimento básico, domínio do objeto de estudo e sua aplicabilidade profissional relativa à área de concentração”.

Isto posto, esta parte do texto de qualificação tem como objetivo descrever a metodologia de produção do documentário “O encontro dos Reis Magos com os Reis do Congo” que foi produzido pela mestrandia Danyelle Marques Freire da Silva, sob orientação do Prof. Doutor Marco Antonio Villarta-Neder. O documentário constitui-se como produto educacional que foi desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras como proposta de intervenção para cursos de formação de professores.

O documentário que ora apresentamos procura reunir em um único espaço (produto) as manifestações do Congado e da Folia de Reis na cidade de Cana Verde, Minas Gerais, enfocando em um imagens e entrevistas de seus detentores. Na primeira parte do vídeo é

colocado um texto inicial de apresentação, em seguida imagens aéreas da cidade de Cana Verde dando evidência à Igreja do Rosário. Nessa parte utilizamos um narrador que conta um pouco da história do Congado, imagens e entrevistas com detentores. Por fim, trazemos imagens e entrevistas sobre a manifestação da Folia de Reis.

6.2 Diretrizes para concepção do produto educacional

De acordo com o Art. 1º do Regulamento Interno do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras, o Curso de Mestrado Profissional em Educação (MPE), é “definido como modalidade de formação pós-graduada *Stricto sensu*, constituída por ciclo de estudos e trabalhos, atividades de pesquisa e de aplicação profissional”.

Os conceitos empregues na pesquisa foram: identidade, cultura, memória, herodiscurso, Congado e Folia de Reis. A linha de pesquisa é “Linguagens, diversidade cultural e inovações pedagógicas”. O problema de pesquisa investigado foi: como contribuir com a formação docente de professores da educação básica, desenvolvendo um trabalho multidisciplinar relacionado ao conhecimento e valorização da história e da identidade local dos estudantes por meio das manifestações culturais do Congado e da Folia de Reis?

O produto educacional foi elaborado a partir do entendimento de Kaplún (2002. p. 46) que diz ser este “um objeto que facilita a experiência de aprendizado; ou, se preferirmos, uma experiência mediada para o aprendizado. Pontua também que “não é apenas um objeto (texto, multimídia, audiovisual ou qualquer outro) que proporciona informação, mas algo que facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado”.

Seguindo as diretrizes apresentadas, optamos por produzir um Produto Educacional do tipo Documentário. O título dele é: O encontro dos Reis Magos com os do Reis Congo, não será muito extenso e será veiculado na plataforma do Youtube.

Inicialmente a proposta do Produto Educacional era a elaboração de uma cartilha, mas com o passar do tempo e o aprofundamento na pesquisa achamos que o Documentário seria mais proveitoso, fácil de elaborar (financeiramente) e poderia alcançar um público maior de pessoas.

Há de se pontuar que a proposta para a produção do documentário já fazia parte da metodologia do estudo, mas, não tínhamos recursos monetários para a sua elaboração. No dia 25 de agosto de 2023 aconteceu a qualificação do trabalho e ficou decidido que continuaríamos com a proposta, mas ficaria sujeito à aprovação na “Lei Paulo Gustavo” da

cidade de Cana Verde para, assim, dar possibilidade de efetivá-lo. O projeto concorreu ao edital da Lei Paulo Gustavo e foi contemplado.

Assim, foi possível a realização do documentário, pois, pode-se contratar um profissional capacitado a fazer as imagens, se prestar a parte técnica e a edição.

Figura 9: Documentário – Produto educacional



Fonte: Arquivo Pessoal

Esses vídeos já veiculados relatam as histórias dos detentores, suas experiências e trajetórias, além das características de cada uma das manifestações – Congado e Folia de Reis tendo como objetivo conduzir os participantes e os espectadores a uma reflexão sobre a importância da preservação dessas manifestações em nossa comunidade, mediante o resgate das memórias dos atores sociais. Nóvoa (2013) salienta que o trabalho com histórias de vida tem sido relevante nas pesquisas educacionais, principalmente no que se refere à formação de professores, pois essas narrativas têm possibilitado a compreensão de identidades ao contextualizar a vida privada com a vida profissional.

Desse modo, por meio das narrativas e das imagens divulgadas nesse documentário, esperamos que seja possível ao telespectador meditar sobre os valores, perspectivas subjetivas e interpretação sobre a importância dessas pessoas para a preservação e propagação da cultura e da identidade local. Kossoy (2001) afirma que a imagem é um testemunho visual, no qual se pode detectar uma série de dados que dificilmente poderia ser mencionada pela linguagem escrita.

6.3 Entre realidade e ficção no documentário

Diferentemente da produção ficcional, os documentários geram lembranças sobre o passado das pessoas. Ainda que essas duas narrativas cinematográficas se diferenciem,

há ocasiões em que se conciliam ou até mesmo se mesclam. Os documentários ocupam-se em nos conduzir a uma nova maneira de olhar o mundo. Para que esse objetivo se efetive, segundo Nichols (2016), o cineasta deve atentar-se aos três Cs da retórica; portanto, um documentário precisa ser: crível, convincente e comovente. Desse modo, os documentaristas optam por indivíduos, cujos comportamentos sejam o mais natural possível diante da câmera, que transmitam autenticidade, sejam carismáticos e que fascinem o público, características também apreciadas em atores profissionais.

Desse modo, o público, através de suas vivências, confirma a autenticidade das narrativas divulgadas nos documentários. No entendimento de Ramos (2013), quando assistimos a um documentário, temos, muitas vezes, um entendimento social preliminar, que nos permite avaliar se estamos diante de uma narrativa documental ou ficcional. Nichols (2016, p. 147) pontua que:

O documentário baseia-se muito num realismo empírico de tempo e espaço. Ele gera realismo psicológico ao procurar pessoas, ou atores sociais, que se revelem diante da câmera com uma abertura e uma falta de timidez semelhante às que os profissionais experientes conseguem. Por fim, os documentários extravasam o realismo emocional no uso de técnicas cinematográficas e de uma voz de documentário que dão vazão à reserva de emoções preexistentes do público.

Assim, os filmes documentais exibem pessoas reais, que simulam ou exibem a si mesmas; os indivíduos podem falar espontaneamente ou discretamente de suas próprias vivências e conhecimentos. A presença da câmera, do cineasta e de toda equipe de filmagem intervém no desempenho dos envolvidos, como aponta Nichols (2016, p.147):

[...] uma pessoa não se apresenta exatamente da mesma maneira a um namorado num encontro romântico, a um médico num hospital, aos filhos em casa ou a um cineasta numa entrevista. E as pessoas não se apresentam da mesma maneira durante todo o desenvolvimento de uma interação; seu comportamento modifica-se à medida que a situação evolui. Nos documentários, esperamos que os atores sociais se apresentem assim, não que desempenhem o papel de um personagem criado pelo cineasta, mesmo que o ato de filmar exerça uma influência evidente sobre a maneira como eles se apresentam.

Em suas rotinas, as pessoas “da vida real” estão sempre representando algum personagem elaborado para si próprias, ou para satisfazer as ideias sociais estabelecidas: “[...] todos nós encenamos, a todo momento, para todos. A cada presença, nós tentamos interpretar a nós mesmos para outrem, e não seria diferente para a câmera” (RAMOS, 2013,

p. 48).

Assim, as declarações e as manifestações evidenciadas em um documentário são representações específicas dos atores sociais; eles encenam a sua própria função social e não algo inventado ou sugerido por outros. O que confere veracidade aos depoimentos são as incoerências, alterações no tom de voz, ansiedade, esquecimento e aflições frente à câmera.

6.4 Caminhos trilhados: a busca pelas imagens

De acordo com o embasamento teórico empreendidos, pode-se perceber que muitos autores sugerem sobre a importância da conexão entre o pesquisador e os pesquisados. “Nesse sentido, para que o narrador conte sua vida, ele precisa sentir confiança e se sentir à vontade” (MIRANDA, CAPELLE E MAFRA, 2014, p. 60).

Sob esse enfoque, optamos em utilizar algumas entrevistas e gravações já produzidas pela Secretaria de Cultura da cidade de Cana Verde sobre o Congado e a Folia de Reis outras, feitas depois da aprovação da Lei Paulo Gustavo, inéditas. Os vídeos estão disponibilizados na página do Facebook da Prefeitura (Prefeitura Municipal de Cana Verde/MG), no Instagram (@prefeituracanaverdemg) e na página oficial do município (www. <https://canaverde.mg.gov.br/>). Também tivemos acesso a endereços do drive do profissional que fez as gravações para os vídeos institucionais da prefeitura. De posse desse material foi feita a edição do novo documentário.

Através do aplicativo do WhatsApp nos foi passado, pelo cinegrafista que fez as entrevistas e as imagens das manifestações culturais do Congado e da Folia de Reis endereços para visualização do material já produzido por ele. São os seguintes:

Um produzido no ano de 2021:

<https://drive.google.com/file/d/110rLjCVjzsN74wDOeXHooUfHfsaxfnm/view>

Outro produzido em 2022:

https://drive.google.com/file/d/1_MA2leDZcDhWVEgpgfNROsXAWxkeYUZF/view

Outro feito em 2023:

<https://drive.google.com/file/d/11XFQa14f3aUkUmn6QEIRJLg33A1eUVxa/view>

E o de 2024 foi produzido já para a edição final.

6.5 Produção

Depois de assistir todos os materiais disponibilizado, iniciamos o processo de

produção do documentário e contamos com apoio profissional de um produtor de vídeos, que pelos conhecimentos técnicos e equipamentos adequados, proporcionará qualidade à produção. Utilizamos o recurso da “voz de Deus” o desenvolvimento do documentário.

De acordo com as definições apresentadas por Nichols (2016), esse documentário caracteriza-se como performático, tendo como objetivo interagir o público com o tema tratado.

A trilha sonora foi escolhida com as próprias canções dos Ternos de Congado e de Folia de Reis, buscando sempre envolver o espectador de maneira emocional. Por precaução, as músicas escolhidas são de domínio público, cujos direitos autorais e a reprodução são liberados por seus autores.

6.6 Ficha Técnica

DIREÇÃO GERAL: Danyelle Marques Freire da Silva

PRODUÇÃO E ROTEIRO: Danyelle Marques Freire da Silva e Amaury Junior

FILMAGEM E EDIÇÃO: Amaury Junior

DESIGN GRÁFICO: Amaury Junior

COLABORADORES: Daniella Istefany (Secretária de Cultura)

ELENCO: População em geral e detentores das manifestações

AGRADECIMENTOS:

Anésia Cândida Marques

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder

Prof. Dra. Tania regina de Souza Romero

Prof. Doutor Augusto Rodrigues da Silva Junior

Capitão-Tenente Leandro de Souza Lemos

Amaury Junior

Daniella Istefany Marinho

Ramon Romenique Lino

A todos os entrevistados

A todos os detentores da folia de reis e do reinado da cidade de cana verde-mg

DURAÇÃO: 19min15s

DISPONÍVEL EM:

<https://drive.google.com/drive/folders/1CfPrCvjSADzy5NzG8JiETXNwv-nfTOQB>

7. PROPOSTA PEDAGÓGICA: ROTEIRO DE ATIVIDADES

Este documentário foi elaborado como proposta de recurso didático complementar para disciplinas de formação de professores e/ou políticas educacionais. Intenciona-se que ao trabalhar a história de vida dos cana-verdenses ou as manifestações artísticas, religiosas e culturais dos afrodescendentes, os docentes reflitam sobre a importância do Congado e da Folia de Reis como propagadores da identidade e da resistência cultural dos povos negros na contemporaneidade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festividades religiosas populares, a exemplo dos festejos do Congado e da Folia de Reis reproduzem a cultura e a tradição do povo além de consolidar a identidade. Elas afirmam laços sociais entre as pessoas, estimulam o altruísmo, propicia anseios e recordações. As celebrações são eficazes na criação de ambientes que estabelecem: novos costumes, novos comportamentos, novas regras, novos valores e hábitos capazes de reconstituir e reinventar as tradições.

No decorrer das celebrações do Congado e da Folia de Reis em Cana Verde, a comunidade de devotos e foliões se reencontra e se reelabora, se descobre, consolida e recompõe. Os espaços do Congado e da Folia favorecem a construção de identidades, bem como a legitimação e construção de novos valores, essenciais para a vida em social do canaverdenses. A principal causa da continuação de sua prática ainda hoje na comunidade é o resultado de um legado cultural herdado de algumas famílias que mantiveram o costume, a crença e a fé. E, ademais, pode-se agregar a esse fator, o interesse e o encanto de muitas pessoas da comunidade pela manifestação, atraindo-as também a sua prática. Isso valida o Congado e a Folia de Reis como importantes manifestações culturais que envolve rituais, conhecimentos, símbolos, objetos detentores de valor e significado para esta comunidade.

No desenvolvimento da pesquisa, foi possível comprovar que as representações do Congado e da Folia de Reis se tornaram tradição no município de Cana Verde e a transmissão de seu legado ocorreu pela recordação através da oralidade. Os saberes foram transmitidos por diversas gerações envolvendo a comunidade rural e urbana do município e regiões circunvizinhas. Desta forma, é importante pontuar que pela experiência adquirida e através da oralidade os detentores dessa manifestação cultural, inseriram no decorrer do

tempo novos elementos simbólicos no enredo dessa festividade. O resultado desta apropriação, não alterou a essência do festejo, em seu conjunto e em seu significado.

Por tudo isso, acreditamos que esta pesquisa irá contribuir de forma positiva e enriquecedora como material metodológico e fonte de conhecimento para os professores que estão em formação e para aqueles que pretendem saber mais sobre a temática e, assim, desenvolverem práticas docente capazes de evidenciar a importância dessas manifestações para comunidade a qual estão inseridos, a valorização do patrimônio e a preservação da identidade cultural.

REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo Marcondes. **O que é cultura? Antropologicamente falando**. Ensaios e Notas, 2014. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2014/10/08/1076/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil. 1º TOMO**, Oneida Alvarenga (org). Livraria Martins Editora, São Paulo, 1959.

ANDRADE, Vicente Freire de. **História de Cana Verde/MG**. Disponível em: <https://canaverde.mg.gov.br/festividades/>. Acesso em: 22 maio. 2024.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional: danças, recreação e música**. V.2. 2ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

BARBOSA, Vicente Freire. **Festividades de Cana Verde/MG**. Disponível em: <https://canaverde.mg.gov.br/festividades/>. Acesso em: 22, maio. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-].

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013[1934]

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I, A estilística**. Editora 34. São Paulo: 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 22 maio. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O poder do Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 530p.

COELHO NETTO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1997.

ECOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; AL-BERTI, V. (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FI-OCRUZ, 2000

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Trad. The interpretation of cultures. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GILROY, Paul. (2012), **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2ª edição. São Paulo, Editora 34.

GÓIS, Aurino José. O diálogo inter-religioso entre o Cristianismo e as tradições afro-brasileiras. In: AMÂNCIO, Íris Maria da (Org.). **África-Brasil-África: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos**. Belo Horizonte: Editora Lucinas, 2008, p. 86- 97.

GOMES, Núbia P. de M.; PEREIRA, Edmilson de A. **Mundo encaixado: Significação da cultura popular**. Juiz de Fora/ Belo Horizonte: UFJF/ Mazza, 1992

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Loro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, S. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Trad. Sayonara Amara, et all. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **Guia básico da Educação Patrimonial**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRÜNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

IEPNA. **Educação Patrimonial: Programa Mais Educação**. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEduca c a o fas1 m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEduca%20c%20a%20fas1_m.pdf). Acesso em 26 jun. 2023.

IPHAN, Minas Gerais. **A pesquisa conta com formulário disponível no site do Instituto, que ficará permanentemente aberto para contribuições**. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/noticias-menu/621-iepha-inicia-cadastro-dos-reinados-e-congados-de-minas-gerais>. Acesso: 20 abril de 2023.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas religiosas: a materialidade da fé**. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/document%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/document%20(3).pdf). Acesso em: 24 jul. 2023.

KAPLÚN, Gabriel. **Material Educativo: a experiência de aprendizado**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491/40205>. Acesso em: 26 jul. 2023.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África? Entrevista com René Holenstein**; tradução Carlos Aboin de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Rossini Tavares. **Folgedos populares do Brasil**. São Paulo: Ricordi. 1962.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

MACHADO, Irene. O ponto de vista semiótico. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 05 jun. 2023.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOURA, Larissa Geórgia Bráulio. **Vozes da Resistência: tradição, inovação e participação da juventude no congado de Estrela do Indaiá Minas Gerais**. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4164>. Acesso em: 30, jun. 2023.

NEVES, Talita Viana. **Congados, capitães e curadores: males, proteções e práticas de cura em Itapeçerica – MG**. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/2014_TalitaVianaNeves%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/2014_TalitaVianaNeves%20(1).pdf). Acesso em: 30 jun. 2023.

NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos:

Pedro & João Editores, 2013.

NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de Professores**. 2 ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2013.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

RABAÇAL, Alfredo João. **As congadas no Brasil**. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/As_congadas_no_Brasil.html?id=qr8JAQAAIAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 02 jul. 2023.

RIOS, Sebastião. **Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis Sociedade e Cultura**. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70390105.pdf>. Acesso em 30 jun. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François (et al.). Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; FRANCELINO, Pedro Farias. **A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo São Mateus**. Revista da Anpoll, v. 1, n.45. Florianópolis, p. 233-247, 2018. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1061>. Acesso em: 07 jul. 2023.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal. 1989.

SANTOS, Jose Elias Rosa. **Processos Organizativos, memória e identidade: etnografia e história da transmissão cultural do congo em uma comunidade afro-brasileira do município de Cariacica (ES)**. 2013. 213f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais UFES). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade Federal do Espírito Santo.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRINHO, Asdrúbal Borges Formiga. Cultura e comunicação em desenvolvimento. In: RUSSI, Pedro (Org.). **Processos Semióticos em Comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folgedos: origens**. Disponível em: <http://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=436>. Acesso em: 02 jul. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. In: Celso Castro (org.). **Evolucionismo cultural**. Textos de Morgan, Tylor e Fraser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 67-100.

VIANA, Leticia C. R. **Patrimônio Imaterial: verbetes**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85/patrimonio-imaterial>. Acesso em: 30 jun. 2023.

VOLÓCHINOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterin.